



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
PORTUGUESA

---

BRAGA

Concetualizando a Religiosidade de um Grupo Coral  
Bracarense: Um Estudo Etnográfico

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Universidade Católica Portuguesa para  
obtenção do grau de mestre em **Psicologia  
Clínica e da Saúde**.

**Ana Maria Lopes Costa Seara**

**Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais**

OUTUBRO 2017



**CATÓLICA**  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

---

BRAGA

**Concetualizando a Religiosidade de um Grupo Coral  
Bracarense: Um Estudo Etnográfico**

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Universidade Católica Portuguesa para  
obtenção do grau de mestre em **Psicologia  
Clínica e da Saúde**.

**Ana Maria Lopes Costa Seara**

Sob a Orientação do Prof. Doutor **João Carlos  
Monteiro Major Silva**

## **Agradecimentos**

Antes da exposição deste trabalho, é fundamental e necessário não esquecer as pessoas que contribuíram de forma construtiva e incentivadora na realização desta tese. É a eles que eu quero deixar a minha sincera gratidão. Assim deixo um agradecimento muito especial e particular:

Ao meu orientador, Prof. Doutor João Carlos Major, pelo sua disponibilidade, proficiência, simpatia, orientações e paciência nas horas de mais ansiedade. Por não ter permitido que desistisse.

A todos os participantes em especial ao grupo coral, pela colaboração e tempo disponibilizado na realização das entrevistas, em todos os momentos que estive presente. As risadas, brincadeiras, boa disposição, mas também, pelo apoio e suporte nos momentos de maior desânimo. Uma convivência que se estendeu para fora das portas dum trabalho académico e duma presença como investigadora.

Aos colegas que me inspiraram confiança, que estiveram presentes e me apoiaram nesta caminhada, pelos momentos de partilha de conhecimento, conquistas e frustrações. Ao amigo João Vedor a simpatia, o apoio, a partilha de ideias foi fundamental para a realização deste trabalho.

À minha família por todas as palavras de conforto, sabedoria e esperança, de forma especial aos meus filhos Helena e Luís.

Por último, agradeço a Deus pela força, nos momentos mais difíceis, na realização pessoal deste novo ciclo de vida.

A todos o meu sincero obrigada!

## **Resumo**

O seguinte estudo tem como objetivo perceber as dinâmicas intra e interpéssicas dos elementos do grupo coral, em alusão à sua experiência religiosa e o seu aspeto indutivo e preditivo de bem-estar. A partir de uma metodologia de cariz qualitativo etnográfico, foram utilizadas a observação participante com notas de campo e *entrevistas a fundo* como ferramentas de obtenção dos dados. A amostra centra-se num grupo coral de Braga, composta por (N=20), com idades entre os 5 e os 65 anos (M=37.7; Dp= 19.0), dos quais 5 elementos fizeram parte do estudo com *entrevistas a fundo*. Foram encontradas 33 categorias que organizam as codificações sobre os indivíduos e o grupo. Percebemos então que o grupo coral organiza, protege, vincula e serve como agente regularizador dos indivíduos. O grupo relaciona-se como um organismo sólido, mas potencia os seus intervenientes no seu quotidiano.

**Palavras-chave:** Grupo Coral; Religião; Métodos Qualitativos; Estudo Etnográfico;

## **Abstract**

The following study aims to understand the interpsychic and intrapsychic dynamics amongst members of a choir, particularly as it relates to religiosity. By employing a scientific methodology that is both qualitative and ethnographic, the study in question gathered the necessary data via participant observation, with field notes, followed by in-depth interviews. The sample is made up of (N=20) elements of a choir from Braga, ranging from 5 to 65 years of age (M=37.7; Dp= 19.0), 5 of whom were selected to give in-depth interviews. 33 categories, managing the encodings about individuals and the group, were found. The study reached the conclusion that the choir organizes, protects, attaches and serves as a regularizing entity to its members. The group establishes connections as a solid organism, whilst empowering its members in their daily lives.

**Keywords:** Choir; Religion; Qualitative methods; Ethnographic study

# Índice

<b>1. Revisão.....</b>	<b>1</b>
<b>2. Metodologia.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 Desenho do Estudo.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2 Amostragem e Participantes.....</b>	<b>11</b>
<b>2.3 Procedimentos.....</b>	<b>12</b>
<b>2.4 Análise dos Dados.....</b>	<b>13</b>
<b>2.5 Confiabilidade.....</b>	<b>14</b>
<b>2.6 Vieses.....</b>	<b>14</b>
<b>3. Resultados.....</b>	<b>15</b>
<b>4. Discussão.....</b>	<b>24</b>
<b>5. Implicações Clínicas.....</b>	<b>26</b>
<b>6. Direções Futuras.....</b>	<b>26</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>28</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>35</b>

## **Lista de Anexos**

Anexo A – Guião de entrevista

Anexo B – Consentimento Informado

Anexo C – Tabela Entrevista aplicada ao grupo A e B

Anexo D – Exemplo de entrevista – Entrevista C

Anexo E – Tabela de transcrição da Entrevista C

Anexo F – Exemplo de Notas de Campo – Codificação Novenas

Anexo G – Análise de conteúdo das entrevistas realizadas ao grupo crente

## 1. Revisão

A interface entre a psicologia, religião e espiritualidade tem sido de grande interesse para os estudiosos há um século. A religiosidade está intimamente ligada ao bem-estar psicológico (Cohen, 2002; Ferriss, 2002; Francis & Kaldor, 2002; Laurencelle, Abell & Schwartz, 2002), ao coping emocional, orientando melhor o stress e potenciando o desenvolvimento do indivíduo (Park, 2005). Desta forma, indo de encontro ao significado ou propósito da vida (Oman & Thoresen, 2003; Paloutzian & Park, 2005). Não é de estranhar, assim, que a religião e a espiritualidade sejam temas estudados em grande escala pela comunidade científica, nas suas mais variadas áreas. Exemplos do estudo deste construto, sociológico e histórico, na investigação em torno das classes sociais e a sua religiosidade (Northover & Gonzalez, 1993; Beit.Hallahmi & Argyle, 2004). No estudo de Beit.Hallahmi e Argyle, (2004), os autores encontraram diferenças entre os grupos sociais de classe alta e baixa, permitindo avaliar o grupo de religiosos a partir das dimensões da sua crença (ortodoxa ou liberal); o tipo de organização (direção de hierarquia formal ou carismática informal); o estilo afetivo; e compromisso social. Segundo os autores, o que separa os grupos sociais de classe alta e baixa, é que nos primeiros vemos uma maior assistência a celebrações/rituais, enquanto os de classe baixa são mais ativos em movimentos religiosos pequenos e novos. Desta forma, a povoação e industrialização está relacionada à secularização, encontrando-se uma maior atividade religiosa em povoações com menos de 50.000 habitantes.

O envolvimento em grupos religiosos pode promover uma rede de suporte social (Oman & Reed, 1998); criando, também por si, um maior significado vivencial (Krause, 2003, 2007). Num estudo de meta análise realizado por Koenig et al., (1997), encontraram relações estatisticamente significativas em 19 dos 20 estudos entre o envolvimento religioso e o suporte social. O próprio envolvimento religioso interliga-se com o coping e gestão do stress provocado pela guerra do golfo (Pargament, Koenig & Perez, 2000). O suporte religioso está ainda associado a um afeto mais positivo ou satisfação para com a vida e com baixos níveis de depressão (Fiala, Bjorck & Gorsuch, 2002; Krause, Ellison & Wulff, 1998).

Os últimos dados oficiais sobre a religião em Portugal foram realizados pelo INE (censos populacionais, 2001) e indicam que: 96% da população portuguesa refere ter uma crença religiosa (84,5% - católica; 1,41% - outra religião cristã; 0,55% - protestante; 0,20% - ortodoxa; 0,13% - muçulmanos; 0,02% - judeus); 3,9% referem não ter qualquer religião. Estes resultados sugerem a importância da religiosidade na população portuguesa, indicando que a religião católica é predominante.

Longe de concluído está o debate sobre as causas ou preditores que estejam na origem da própria experiência religiosa, por vezes vista como inata e outras como constructo social. No entanto, vários questionários desde os anos 60 indicam que 30% a 40% viveram pelo menos uma ou duas experiências religiosas (Wulf, Prentice, Hansum, Ferrar & Spilka, 1984). Cerca de 20% a 53% de todas as pessoas religiosas garantem ter tido pelo menos um tipo destas experiências (Saver & Rabin 1997). O *The National Survey of Youth and Religion* garante que 80% dos jovens que estudaram garantem que também tiveram pelo menos um tipo de 10 experiências religiosas (Smith & Denton 2009). Ao analisar (tabela 1), estes números parecem bastante relevantes. De acordo com Hay (1990) e Runehov (2004), muitas pessoas têm as mesmas experiências fenomenológicas da experiência religiosa como o sentimento de perda no tempo e o encontro com o universo.

Tabela 1 Estudos sociológicos sobre a experiência religiosa

Paises / Percentagem do tipo de crenças	USA	Reino Unido	França	Alemanha	Espanha	Itália	Suécia	Luxemburgo	Bélgica	Holanda	República Checa	Estónia	Outros paises da Europa
Agnósticos/ Ateístas	18%	52%	64%	45%	41%	27%							
Não Crentes							23%	22%	27%	27%	30%	26%	18%

Nota: O termo ateísta não foi introduzido nos não crentes, devido à falta de especificação do estudo e para não correr o risco de incluir nos não crentes tendências ateísticas militantes.

No entanto, os números parecem insuficientes para explicar o facto de algumas pessoas terem nascido dentro de uma fé e adotam-na socialmente, enquanto outros a abandonam ou trocam por outra (Hood Jr., Hill & Spilka, 2009). Tal como William James (1991) apontava, os seres humanos nascem com uma psique dicotómica/dividida. Segundo o autor, os *born once* seriam os seres que parecem nascer desde sempre com uma tendência para a uniformidade, no que às suas ideias, crenças, afetos diz respeito, como também uma homogeneidade da própria identidade. Os *born twice* seriam aqueles que vivem num certo conflito interior e que não conseguem encontrar harmonia nos seus processos, até ao momento da conversão.

Otto (1932) nas suas viagens, encontrou um aspeto numinoso intrínseco em todas as religiões e pessoas. Mais tarde, Jung (2014) referiu que o termo *numinoso* tinha a conotação ideal e que era isso a causa involuntária da ação. Porém, este termo/realidade pode ser visível na influência de alterações peculiares de consciência, portanto objeto de uma invisível presença. Jung e Franz (1964) foram felizes no apontar a hipótese do arquétipo: “um modo, forma ou tipo

muito antigo de ação”. Assim, e de acordo com esta hipótese, as pessoas teriam tendências inatas para produzir e responder de modo similar a estímulos e imagens específicas (o aspecto numinoso estaria incluído nestes dados). Em todo o caso, a experiência afetiva humana liga entre si diferentes elementos da vida psíquica como sensações, representações e sentimentos que estão presentes na consciência como sistemas deterministas de reação e disposição natural (White, 1964; Pieri, 2005).

É difícil identificar e perceber o papel da religiosidade na vida das pessoas, dado ser tema tão complexo. Autores como Fowler (2006) e Riccards (1978), com um profundo conhecimento das teorias da personalidade e desenvolvimento do self, tentaram estabelecer estágios de desenvolvimento religioso, sendo que em qualquer estágio existia um conflito e que esta dimensão podia ser perdida e não ser bem integrada na psique humana durante muitos anos.

Vários estudos etnográficos centralizaram a sua atenção para os movimentos religiosos afro-americanos e como estes eram essenciais na vida desses grupos (Mattis, 2000, 2002; Williams-Jones, 1975). Estes autores estudaram o movimento afro-americano, como que fazendo parte do arsenal mágico/espiritual da cultura africana, aliada ao desenvolvimento do cristianismo da etnia negra na América, sabendo que a espiritualidade e a música fazem parte integrante da força emocional que destaca o ritual de tais grupos (Williams-Jones, 1975).

É neste contexto que importa referir os trabalhos do neurocientista McNamara (2009), que afirma que o contexto religioso facilita as práticas religiosas e, por sua vez, as práticas religiosas beneficiam a “descentralização do *Self*”, facilitando o desenvolvimento de um Self então mais poderoso. A “descentralização” é um processo, onde o Self atual é colocado em segundo plano em prol de um Self ideal, mais completo e poderoso (e.g., a projeção do indivíduo sobre a imagem de Deus). Para McNamara, (2009), Mazumdar e Mazumdar, (2004), os rituais religiosos estão associados a uma redução da agência e, por sua vez, desloca os estados intencionais para a divindade.

O espaço dos rituais pode desempenhar um papel importante no processo de internalização. McNamara, (2009) reforça que a cognição temporal é alterada encorajando a reflexão, o processo emocional é alterado em favor das emoções que “elevam” ou ligam o Self com a divindade e as funções executivas e atencionais são melhoradas providenciando a auto-regulação.

Bailey & Davidson (2002) ao entrevistar um pequeno grupo coral formado por sem abrigos documentou que: (1) o grupo de canto aliviava a depressão e melhorava o bem-estar físico e emocional, (2) atuar para uma grande audiência encorajava o senso de propósito pessoal

e promovia o sentido de religar com um grupo maior de pessoas, (3) o grupo promove um contexto de suporte para os homens, onde eles podiam desenvolver as suas habilidades sociais e encontrar objetivos coletivos, (4) cantar é mentalmente exigente e requer que os indivíduos mantenham a concentração e que aprendam novo material de forma a atuarem da forma mais ajustada. Esta concentração também direciona a atenção destes indivíduos para longe das suas preocupações e dos seus problemas.

No estudo de Hills e Argyle (1998), estes autores encontraram dimensões muito semelhantes entre a experiência religiosa e a atuação musical. A experiência musical, tal como a religiosa, permitia aos intervenientes experimentarem: (1) o senso de perda do Self, (2) que estavam a ser banhados por calor e luz, (3) o vislumbrar de um “outro mundo”. Através dos métodos estatísticos, os autores concluíram que estes sentimentos eram ainda mais fortes nos indivíduos que pertenciam a grupos corais e sugeriam que os membros de grupos corais investem esforços pessoais. Os grupos corais religiosos podem ensaiar pelo menos uma vez por semana e fazer esforços especiais para festivais religiosos. Tanto a religiosidade como a musicalidade estão aliadas ao bem-estar psicológico (Grocke, Bloch & Castle, 2009; Wlodarczyk, 2007; Ryan & Deci, 2000) e a própria música parece envolver o cérebro de forma semelhante que a experiência religiosa. Koelsch (2014), explica que os sistemas efetores emocionais (como os sistemas de excitação fisiológica periférica e os sistemas motores), produzem ações, tendências de ação e expressão motora da emoção. A informação dos sistemas afetivos e a informação sensorial resultante da atividade dos sistemas efetores (isto é, informação intercetiva, propriocetiva e cutânea exteroceptiva), tais os inputs são sintetizados como uma perceção emocional (pré-verbal ao sentimento subjetivo), e representados pelas áreas do córtex insular e córtex cingulado (Koelsch, 2014). O córtex cingulado mantém-se ativado na experiência religiosa (Boyer, 2003; Previc, 2006; Gillihan & Farah, 2005; Seeley & Sturm, 2007; McNamara, 2009). As tarefas autorreferenciais e não autorreferenciais incluem a alteração nas atividades do córtex pré-frontal orbital medial, o córtex cingulado anterior, a ínsula e o córtex cingulado posterior (Gillihan & Farah, 2005; Seeley & Sturm, 2007).

Não são muitos os estudos que tentam perceber as dimensões da espiritualidade/religiosidade nos grupos corais, pelo que este estudo procura acrescentar maior significado nos constructos atribuídos à metodologia qualitativa, dentro deste tema.

## **2. Metodologia**

## 2.1 Desenho de Estudo

O seguinte estudo focou-se numa metodologia etnográfica e é um estudo exploratório. Os estudos etnográficos são muito versáteis, podendo utilizar mais do que uma ferramenta de análise (Pendleton et al., 2002). Neste caso, foram utilizadas ferramentas como a observação participante e “entrevistas a fundo”, para que certos constructos e significados não sejam excluídos do estudo (Muecke, 1994). Sendo uma investigação com o propósito de conclusão de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade Católica Portuguesa, optei por uma linha de estudo que permitisse apresentar a temática do desenvolvimento espiritual e religioso, com o devido estudo dos pressupostos paradigmáticos dos estudos qualitativos (Ponterotto, 2005; Creswell, 2012), inspirando-me na dinâmica interativa e participativa que estes estudos permitem (Lu, 2001).

## 2.2. Amostragem e participantes

Os participantes do grupo coral que constituem a nossa amostra são: (N=20); as idades variam entre os 5 e os 65 anos (M=37.7; Dp=19.0), as mulheres representam 65% do grupo (n=13) e os homens 35% (n=7). Os Participantes que foram selecionados para as entrevistas variam nas suas idades entre os 42 e os 49 anos (M=44.2; Dp=2.86) os dados podem ser melhores visualizados na tabela 2.

*Tabela 2 Dados do grupo de participantes entrevistados*

<b>Nome</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Anos no Grupo</b>	<b>Situação Profissional</b>
J.S	Masculino	44 anos	12º ano	Casado	2 anos	Textil
P.R	Feminino	42 anos	12º ano	Casada	Recente -1 ano	Gerente Lojista
E	Feminino	44 anos	6º ano	Casada	6 anos	Textil
P.	Masculino	42 anos	4º ano	Casado	5 anos	Metalúrgico
R.C	Feminino	49 anos	12º ano	Casada	7 anos (mas já tinha estado noutros)	Ama; Doméstica e Costureira.

O grupo selecionado para as entrevistas surgiu através da observação e relações criadas ao longo da minha participação. Em conjunto com o orientador, acreditávamos que olhando à média de idades do grupo, um enfoque sobre indivíduos que representassem o intervalo mais

saturado das idades, poderíamos encontrar de forma mais congruente os constructos experienciais do todo em si. Olhando para a média dos entrevistados ( $M=42.2$ ,  $Dp=2.86$ ), este pressuposto parecia ser viável. O resto do grupo foi intervindo ao longo do processo de observação e naturalmente surgiram algumas interações que serão alvo de análise.

### **2.3.Procedimentos**

Os dados de campo foram retirados a partir do início do mês de Outubro de 2016 até Janeiro de 2017. A observação foi elaborada através dos locais de ensaio, na igreja paroquial onde o grupo faz atuações e em algumas atividades que o grupo organizou (e.g., piquenique). Ao longo do artigo serão discutidos alguns possíveis vieses, dado já conhecer e contactar com este grupo, visto que um familiar meu faz parte dele. Desta forma, foi mais fácil criar os laços necessários para a integração natural nas relações com os elementos e na dinâmica da organização em si. Em todo o caso, foi apresentado o meu papel como investigadora e elaborado um consentimento de forma a perceber se todos concordavam em fazer parte do estudo. Desta forma, assumia para com o grupo e comigo própria, o papel de investigadora participante.

Ao longo da interação, algumas questões pertinentes para o estudo foram colocadas aos participantes (e.g., “o que o(a) fez chegar até este grupo?”; “O que é que este grupo representa para si?”; “Será que o grupo serve o propósito da sua religiosidade?”), ao mesmo tempo fui obtendo acesso a alguma informação pessoal. Informações essas muito íntimas e algo “pesadas”, sendo que nessa situação foi explicado que o conteúdo acaba por ser importante para o estudo, mas que a confidencialidade e a forma como os temas iriam ser tratados estariam salvaguardados bem como todos os outros dados pessoais (Taylor, Bogdan & DeVault, 2015). As atividades por norma não duravam mais do que duas horas, a não ser certos eventos que requeriam ensaios de maiores dimensões, certas datas festivas, ou a organização de alguma atividade (e.g., piquenique), onde o objetivo centrava-se na reunião das pessoas por um maior período de tempo.

Foi utilizado o método de “entrevista a fundo” (Creswell, 2012) para perceber melhor as dimensões da religiosidade/espiritualidade e do seu desenvolvimento junto do grupo. As entrevistas com os participantes seleccionados, só deram início em janeiro, após o tempo de integração e de um melhor entendimento sobre as condutas do grupo e pessoas intervenientes. As entrevistas demoravam cerca de 1h; o guião foi construído de acordo com o material estudado na revisão teórica e segundo aquilo que era o meu background do curso sobre algumas questões que achamos que poderiam ser fulcrais para perceber o desenvolvimento da

religiosidade/espiritualidade na experiência daquelas pessoas. O guião da entrevista pode ser analisado no (anexo A). Algumas questões pretendiam focar-se no desenvolvimento da experiência religiosa percebendo a dimensão do conflito “Já alguma vez perdeu a fé? Pode falar um pouco disso?”, o sentimento de Deus “Sente a presença de Deus no seu dia a dia” e “Sente uma profunda paz interior ou harmonia? Com que frequência?” Perceber qual a prática que os participantes evidenciam como predileta, sem enunciar diretividade “Desde quando pratica essas atividades e o que o/a levou a fazer isso?” E outra dimensão foi a possível perceção de bem-estar que isso surte nos participantes “Sente-se realizado?” “Considera que alguns aspetos da sua vida deveriam ser melhorados?” A verdade é que intuitivamente e sem diretividade é possível perceber que as pessoas devotas à fé criam ligações sobre estas dimensões à sua religiosidade, como podemos observar na análise dos resultados.

#### **2.4 Análise de Dados**

A estrutura interpretativa que suporta a nossa investigação é essencialmente construtivista e indutiva (Braun & Clarke, 2006). Nesta linha também nos abstermos de ler literatura científica durante o processo de transcrição e categorização para que o procedimento indutivo fosse assegurado (Braun & Clarke, 2006).

Relativamente à primeira metodologia de análise, na atividade de observador participante, foram criadas notas de campo, onde eram descritos os acontecimentos diários, desde a forma como as pessoas interagem, aos rituais que eram efetuados, a organização dos elementos, os comportamentos, os sentimentos enunciados e claro uma reflexão própria da minha experiência sobre o que se estava a passar (Taylor, Bogdan & DeVault, 2015). Essas notas de campo fazem parte do diário de investigação e eram organizadas através dos seguintes clusters: (1) Data/Horário, (2) Atividades, (3) Intervenientes, (4) Contexto, (5) Objetivo, (6) Observação, (7) Reflexão pessoal.

A análise das entrevistas foi efetuada através da análise de conteúdo categorial, que consiste no desmembramento do texto em unidades, isto é, categorias, segundo reagrupamentos analógicos (Cappelle, Melo & Gonçalves, 2003; Creswell, 2012). Como é defendido por Lapadat e Lindsay (1999), o processo de transcrição é já um ato interpretativo, onde muito mais do que colocar palavras de forma mecânica no papel, são desde logo criados significados. Desta forma, procedemos ao recorte e codificação das unidades de registo de cada uma das entrevistas e à sua categorização. A codificação é um processo onde unidades de texto (códigos) que descrevem o significado da frase do entrevistado são escritas nas margens das entrevistas

transcritas (Pendleton, Cavalli, Pargment & Nasr, 2002). Foram criados 119 códigos na nossa análise. A categorização foi realizada mediante a comparação dos códigos de cada entrevista, permitindo a criação de categorias de níveis hierárquicos superiores, bem como entre as entrevistas referentes a cada caso o que nos levou a criar um modelo de categorização para cada caso.

## **2.5 Confiabilidade**

Procurando estabelecer a melhor aproximação com o conceito de confiabilidade, conceito esse comparável com os conceitos de validade e fiabilidade dos métodos quantitativos (Miles & Huberman, 1994), foram estabelecidos alguns procedimentos. Esses procedimentos englobam a utilização dos métodos de observação participante, com a sua referência em notas de campo, entrevistas durante a participação e entrevistas a fundo isoladas com guião pré-estabelecido. Todos os dados resultantes dessa metodologia foram triangulados através de várias formas de interpretação (1) utilizando as notas de campo e as entrevistas a fundo, (2) dessas notas de campo e entrevistas a fundo surgem as primeiras codificações, (3) essas codificações foram consteladas em categorias que definem amplamente os constructos resultantes da análise dos dados (Dezin, 1973; Creswell, 2012). A partir da análise dos dados e reunião das categorias resultantes deste procedimento de triangulação, surge a discussão enquadrada com a posterior revisão de literatura.

## **2.6 Vieses**

É necessário considerar que todo o investigador deve contar com os seus vieses pessoais, desde a sua formação às suas crenças (Krefting, 1991; Mangione, Lyons & DiCello, 2016). Uma das formas de manter o rigor científico é assumir os mesmos (Mays & Pope, 1995). Desta forma explico que sou uma aluna da Universidade Católica Portuguesa do distrito de Braga, e mesmo que esta Universidade seja aberta a teólogos e a leigos de todo o tipo de crenças ou religiões, a própria faculdade tem um background jesuíta e uma tradição religiosa explícita. Um dos investigadores (o Orientador), possui graus em teologia, filosofia e doutoramento em psicologia. Dentro da psicologia, segue a escola analítica de Jung sendo membro da *International Academy of Analytical Psychology*. Por sua vez a investigadora (aluna/orientanda) teve uma educação católica praticante, fazendo formação ao longo da

catequese, mantém crenças de cariz religioso e de justiça social consistentes com a doutrina social da igreja católica apostólica romana.

Por último, a escolha deste tema de estudo alicerça-se na transformação que assisti num familiar meu que fez parte de um grupo coral. Esse familiar encontrava-se numa fase caótica da sua vida, com problemas relativos à sua auto-estima, que conseqüentemente contribuíam para os maus hábitos alimentares. O *stress* daí vivido e de outras dinâmicas familiares provocaram conseqüências fisiológicas, como a própria queda de cabelo e a desnutrição. Foi já dentro do funcionamento do grupo coral que presenciei à transformação desse familiar. Os mecanismos pareceram simples, pois ele entrou no grupo e devido ao seu timbre de voz foi destacado como solista principal. Não foi fácil nos primeiros tempos para que ele assumisse esse papel devido aos fatores anteriormente descritos, no entanto todo o grupo o envolveu no seu leito protetor e através de carinhos e deste potenciamento da sua imagem, foi capaz de ganhar algum conforto.

O grupo parecia fornecer a fonte da sua ação, e não era difícil perceber que durante as suas performances individuais, os seus olhares focavam-se muitas vezes nos elementos do grupo, como quem busca apoio e, sendo esta concedida através da linguagem corporal, ele permitia-se brilhar.

Ao perceber este processo de reconhecimento e de reciprocidade em si, não poderia ficar indiferente às potencialidades do estudo das organizações nos grupos corais religiosos e as implicações que isso possa exercer na componente psicológica humana.

### **3. Resultados**

Através dos dados recolhidos fomos capazes de criar tabelas com 33 categorias principais que constelam as unidades de registo que conseqüentemente são representadas pelas suas codificações ilustrativas (Ver anexo F com a tabela categorial, respetivas unidades de registo e codificações ilustrativas). 9 categorias foram criadas através das entrevistas a fundo e as restantes 24 através das notas de campo a partir da observação/participação.

*Pessoas, Coro e as suas Práticas Religiosas:* nesta dimensão pretendemos perceber quais são as práticas religiosas, desde quando e o propósito dessas práticas para os entrevistados e *a posteriori* reuniram-se também os dados que surgiram através das notas de campo. Desta forma, percebemos que as pessoas pertencentes ao grupo coral fazem parte de vários rituais religiosos. Estas pessoas costumam ir à missa, fazer peregrinações e até praticar em mais do

que um grupo coral. Algumas destas pessoas iniciaram as suas atividades no coro através de outras tradições religiosas “Iniciei na comissão de festas do Senhor da...”, entre vários propósitos um deles é encontrar a “paz”.

No caso do grupo coral em si, as atividades religiosas são os alicerces que potenciam o plano onde o grupo desenvolve os seus papéis, dinâmicas e identidade. São fortalecidas por elementos simbólicos importantes exclusivos das performances do grupo, como é o caso das novenas “fazem parte do património imaterial das paróquias de Braga, no entanto só em algumas paróquias a tradição se mantém” e neste caso é impulsionado pelo grupo.

*Deus no dia-a-dia:* através das entrevistas a fundo realizada aos elementos selecionados foi perceptível perceber que estes vivem uma relação próxima com a figura superior externa Deus. Uma mãe responde que vê o reflexo de Deus “quando olho para os meus filhos”, outro admite que “eu de manhã peço sempre a Deus para que esteja comigo” enquanto outro realça que “acredito e sinto que Deus está comigo”. Esta ligação acaba por se manter e ligar-se no quotidiano, visto que uma responde que sente essa ligação com Deus “em todos os momentos da minha vida” outra pessoa responde mesmo “todos os dias”, no entanto existem outros indivíduos cujo a lembrança recorre nos maus momentos “Quando estou em baixo peço a Deus para me ajudar”. Através destes pedidos, que parecem ser recebidos pela figura divina, os utentes sentem que a sua sorte se estende aos seus próximos “parece que está a olhar por mim e pela minha família”.

*Paz, Conforto, Harmonia e União com Deus:* as situações anteriormente descritas levam-nos à seguinte categoria criada essencialmente através dos dados das entrevistas. A categoria define a ligação com Deus, a sua importância e as suas repercussões. Relativamente ao conforto dentro da religião, uma pessoa afirma que o encontra “quando estou mais triste”, outra afirma que também a encontra “em horas de aflição, doença ou confusão espiritual” sentindo posteriormente uma sensação de proteção, no entanto nem sempre encontra a harmonia ou paz interior, identificando esse encontro quantitativamente “só às vezes”. Noutra pessoa que pretende estar mais próxima de Deus, é na religião que encontra conforto sentindo “uma paz interior”. Outra pessoa que só deseja estar próxima com Deus quando está em baixo sente que encontra forças e conforto na sua religião apenas às vezes. Um indivíduo afirma que mesmo sentindo por vezes me questiona a presença de Deus, é essa que lhe dá alento, encontrando uma profunda harmonia no encontro com o grupo coral e as suas respetivas atividades.

*Realização Pessoal nas Práticas Religiosas:* daqui progredimos para a categoria que se define através da realização pessoal através das dinâmicas religiosas. Uma das entrevistadas gosta de cantar para a igreja e é na eucaristia que sente que existe Deus. Esta pessoa não menospreza o contato com os outros, respondendo afirmativamente à questão “sente uma grande responsabilidade ao que acontece à sua volta?”. Esta pessoa vê tanta centralidade na sua religiosidade institucional que se sente na obrigação de avisar os elementos do grupo coral “tenho a responsabilidade e a canseira de dizer ao grupo coral”, afirmando ainda “faz-me confusão ver pessoas que são praticantes, que ao domingo preferem dormir”. Além destas ideias extrínsecas, existe um outro elemento que contrariamente, diz recorrer à igreja “não por obrigação, mas sim por devoção”. Aqui a centralidade na prática não é tão saliente, e o alcance no bem-estar só vem também por vezes quando a busca por algo maior impulsiona a entrevistada. O próprio encontro com o grupo exprime-se através da necessidade e talvez essa necessidade surja através de um conflito ou confusão como responde em questões anteriores.

Uma entrevistada admite que “o ensaio do grupo coral é uma terapia”, o facto de “ir à eucaristia ou animar uma missa, parece que dá mais força”. Esta pessoa vive intensamente o grupo e principalmente a presença de Deus na sua vida, mas é esta interseção de música, com a atividade religiosa que a ajuda a “interiorizar melhor a própria eucaristia”. Outro elemento do grupo enfatiza a relação grupal principalmente pelo convívio, mesmo em horas em que não estão nos ensaios. A harmonia nem sempre é encontrada dentro da espiritualidade, mas mantém-se a crença que os fenómenos menos positivos da vida, são considerados e tratados posteriormente por uma dádiva superior. A procura incessante por uma origem é reduzida e depositada na fé e na criação.

*Religiosidade Declarativa/Coping Religioso:* o seguinte tópico apresenta a forma como as pessoas procuram na sua fé formas de lidar com os problemas e até estender esses métodos a outros. Uma entrevistada admite que “uma vez trouxe uma mulher que perdeu o filho para junto da igreja” apesar de afirmar que aquilo trouxe algumas melhorias, pensava que não era bem o meio dessa senhora ou pelo menos o mesmo suporte que ela encontrava. Esta pessoa é a mesma que sente a necessidade de avisar o grupo das suas tarefas práticas religiosas, a mesma pessoa que procura fazer exatamente o que ouve na eucaristia e que se sente bem simplesmente pensando em Deus. No entanto esta pessoa vive o martírio religioso centrado na culpa, pois sente que “há coisas que fazem ou que fiz que não perdoei”, sabe que Deus perdoa mas se “a

gente perdoar, esquece!” Esta pessoa acredita que quando o filho fugiu com uma mulher para fora do país, foi o facto de ela rezar muito que o trouxe de volta.

Outra pessoa demonstra a necessidade de seguir algo “se não seguisse esta religião, acho que teria crença noutra coisa... Acreditaria noutro Deus e encontrava o meu caminho”. Esta pessoa afirma que a sua religião ajuda a resolver situações difíceis, mesmo que por vezes questione o porquê, mas logo encontra solução. Outra mulher realça a facilidade em acreditar que existe algo superior a nós. Para esta mulher, os ensinamentos de Deus ajudam a lidar com a frustração e a não se assemelhar a outros “quando alguém me diz algo que não gosto tanto ignoro”, a senhora afirma que “muitas pessoas são frustradas e atingem os outros com o mal... o mal dos outros a mim não me diz nada” destaca o desejo de se querer tornar melhor. Esta pessoa vive procurando estar próxima com Deus e a paz interior.

Por norma, os entrevistados encontram conforto ou forças na sua fé ou especificamente em Deus para suportar a aleatoriedade da vida e fenómenos mais pejorativos. E o grupo surge então como elemento vinculativo e regulador dos seus participantes, como no caso de uma mulher doente em que através das notas de campo foi referido que se sentia melhor quando o grupo a visitava no hospital.

*Problemas Individuais:* é claro que o grupo e as suas atividades religiosas parecem beneficiar alguns sujeitos que surgem explicitamente com problemas individuais, sejam eles de foro existencial ou de doença. Ao longo do trabalho foi possível perceber como o grupo em si e a própria fé conseguem tornar-se em elementos protetores para estes problemas. Seja num caso de aparente tentativa de suicídio, prestar apoio a outro elemento que cuida de uma criança com leucemia e regulação afetiva de um elemento do grupo que estava internado devido a cancro.

*Bem-Estar Pessoal:* dos elementos entrevistados, parece que genericamente apresentam-se satisfeitos com a sua vida, ou pelo menos “não quero ser ingrato com aquilo que Deus me deu”. Os entrevistados não vêm a necessidade de comparar a sua vida com a dos outros. Uma entrevistada admite que a recompensa da sua fé é “ter a minha vida, basta a minha vida. Eu sinto que tenho tudo e não preciso de grandes carros ou casas”. Uma mulher refere que não se sente totalmente realizada, mas que isso acaba por ser algo bom, porque impulsiona o ser humano a evoluir. Um senhor refere imensas vezes o bem-estar que lhe é proporcionado estando perto dos restantes elementos do grupo e no convívio com as outras pessoas. Esta

pessoa já passou por uma depressão profunda e tentativa de suicídio, e é no encontro com Deus e principalmente na relação com os outros que se sente vivo.

*Conversão:* também surgem elementos de conversão: em que numa existência totalmente desfeitas, o homem acaba por encontrar um novo sentido na sua vida através do grupo coral e na sua religiosidade. A mulher afirma que “Estes momentos no grupo coral são muito importantes, ele diz que se sente bem, que gosta de participar, gosta do convívio, de estarem todos juntos... sinto que hoje ele está bem, é um homem feliz e realizado”. Uma entrevistada nos seus 42 anos, afirma que há 36 anos teve uma experiência religiosa que mudou a sua vida, ocultando o quê ou qual, percebe-se que existe uma permanência nesta dádiva religiosa. Outra entrevistada refere que não teve uma experiência que mudasse essencialmente a sua vida, mas que a tornou melhor. Dá o exemplo da juventude em que aprendeu com a mãe a rezar, em que ia com os pares à missa e que conhecia a bondade de Deus, mas que não sentia mesmo. Talvez isso a tenha ajudado a compreender melhor o próximo, seguindo em si a palavra de Deus e integrando-a em si. Esta senhora relata uma história em que uma vez discutiu com uma senhora rancorosa que estava no hospital. Vivia revoltada e sem sentido na vida, até que ela a contestou apresentando elementos próximos que estavam em pior situação e referindo o mimo que ela referia da família. Transpondo isso como uma dádiva e essa força que foi buscar na sua fé, parece ter sido transferida para essa mulher criando um momento de bem estar.

*O Grupo Coral:* o grupo coral apresenta-se como um simples organismo social constelando as suas células (indivíduos), que desempenham determinadas funções num conjunto de pequenas hierarquias, através do movimento em bloco, limitadas por regras internas e exigências externas. Não servem somente o propósito religioso, como são alimentados por ele, porém não vivem na sua exclusividade. Os ensaios são executados em habitações familiares e não necessariamente em estruturas religiosas. É efetuado um processo de boas vindas, onde os anfitriões da casa selecionada para o ensaio iniciam as conversações e recebem presenteando com alguma comida os seus colegas.

À chegada da organista (elemento central versátil e organizador) visa-se “distribuir os papéis com as letras, adequadas e estabelecidas pelo calendário litúrgico, o salmo e o versículo do Aleluia são por este também definidos”. Por vezes são necessários ensaios suplementares, principalmente em vésperas de grandes festividades e nessa perspetiva o grupo tenta gerir-se

sempre em unidade, a não ser que inoportunamente falte um sujeito central, então outro assume o papel deste.

*Inclusão no Grupo:* pode-se dizer que um momento de constante integração não acontece somente nos elementos ligados diretamente ao grupo, mas sim nas suas crianças que por questão dos pais e delas próprias estão sempre presentes nos ensaios. A diversão que proporciona o contacto com outras crianças e os pais como modelos de referência nas atividades religiosas, “filha mais nova gostava de cantar como o pai. Sentia-se orgulhosa por participar juntamente com o pai”. As crianças praticam o ajuste do tom com os adultos. Para além de incluírem as crianças nesses propósitos, podem auxiliar o processo de integração espiritual nas próprias crianças. Em certos momentos festivos como, por exemplo, o dia da mãe ou a representação dos pastorinhos, as crianças são chamadas a participar. As crianças gostam de representar e os incentivos dos pais funcionam como reforços gratificantes para o desenrolar dos papéis seleccionados para as crianças.

Não raramente o grupo tenta incluir outros no seu núcleo. Os primeiros seleccionados são os familiares e pode-se admitir uma pequena resistência do grupo a elementos isolados. O exemplo disso será no dia em que realizaram um piquenique ao ar livre e fecharam/isolaram a sua zona de convívio. Apesar de terem atuado para quem fosse a passar, os elementos relacionais propriamente ditos eram concebidos somente entre o grupo.

O convívio entre elementos do grupo é uma constante, seja no momento dos ensaios ou fora disso. Entre as sequências dos ensaios os elementos, “Há medida que cantam e para não se confundirem com o tom das outras vozes saem para o alpendre, e sentam-se a conversar até estarem em ordem para entrar novamente no espaço do ensaio”. O convívio existe previamente ao ensaio, e principalmente no lanche posterior ao ensaio, prolongando-se sempre mediante a disponibilidade dos elementos do grupo. Partilham-se experiências e o humor é uma constante nas conversações do grupo.

*União do Grupo:* nesta categoria percebemos uma certa interdependência e a união entre os sujeitos do grupo coral. Como já foi referido anteriormente, a maior parte das vezes o grupo funciona em bloco, quer isto dizer, que se falha um elemento, o grupo tende a organizar-se e flexibilizar ao máximo para encontrar uma nova disponibilidade aberta a todos. Daí que a própria evolução do grupo nos ensaios seja constante e uniforme, ou pelo menos, sem grandes variações. Num determinado convívio um elemento foi “deslocado especificamente neste dia

para estar em convívio”. A predisposição para a ajuda é um componente essencial neste grupo, portanto quando um indivíduo se encontra mal, o grupo tenta encontrar soluções para o ajudar ou pelo menos mostrar suporte.

*Atividades do Grupo Coral:* existem várias descrições sobre o propósito ou motivos dos ensaios. Alguns elementos definem que será para embelezar e dinamizar a missa, outros pelo convívio, partilhas de experiências, preparação para festividades maiores ou “dar e receber em comunidade o que mais lhe interessa”. A verdade é que vários elementos demonstram centralidade nestas dinâmicas do grupo e na própria importância do grupo na sua vida. Isto é mais perceptível quando os elementos se encontram impossibilitados de ensaiar, o que lhes provoca sentimentos negativos de angústia.

A verdade é que o grupo consegue alcançar outras dimensões, porque não se gasta no seu propósito central. Durante o piquenique foi possível verificar que se elaboram jogos, usam a música não centralizada no intuito religioso e conversações que vão para além do intuito religioso. Ao longo do decurso do estudo foi possível perceber que os indivíduos do grupo demonstram versatilidade na organização das tarefas. Rotativamente é entregue aos indivíduos a responsabilidade de elaborarem certas tarefas, como ficarem encarregues de encontrar determinado material.

*Definição Simbólica do Grupo:* o local de encontro selecionado para o piquenique foi a paróquia onde o grupo participa nos rituais religiosos. Esse local tem elementos simbólicos humanos religiosos e o seu espaço geográfico também contém em si elementos simbólicos não humanos. A escolha arquitetónica situada no cimo do monte pode predispor a ascensão simbólica do grupo na sua fé. O grupo marca então o seu espaço através do uso de “toalhas todas iguais nas mesas de pedra”, “cartazes alusivos ao grupo”, outros elementos iniciam a representação de uma peça escrita por eles. Eu tive uma apreciação muito positiva sobre a estética do local e a organização coordenada e bem equipada do grupo. Quase como se fizessem daquele local uma extensão sua.

Um elemento central e muito presente nas atividades do grupo é a presença da comida. Representando este um elemento catalisador da própria comunhão entre os intervenientes. Os lanches nos ensaios, para proporcionar o convívio, são uma constante, assim como no processo de boas vindas ou em qualquer festejo.

*Profissionalismo Coral:* o grupo não se reúne com um propósito de passatempo, apesar da atividade em si ser prazerosa e de beneficiar o bem-estar dos seus intervenientes. Como anteriormente foi referido, o grupo apesar de ser como um bloco sólido, organiza-se em hierarquias. A distribuição das letras é elaborada seguindo os seguimentos de 1ª voz, 2ª voz e 3ª voz, as crianças que cantam melhor ficam com alguns elementos solos e as outras com o refrão. Esta distinção é bem integrada pelos elementos do grupo. Os elementos tentam sempre dar o seu melhor prolongando os ensaios, tirando dúvidas sobre o tom até conseguirem afinar no registo pretendido. As próprias crianças aprenderam a caprichar nas suas performances. Só quando conseguem atingir a melodia pretendida dão por terminado o ensaio. A organista é a avaliadora que executa os ajustes necessários até atingirem o tom esperado.

Existe um elemento central no papel da organista no grupo. É ela que manifesta o maior grau de conhecimento musical, resultando na atribuição do papel organizador e de chefia no comando do grupo. É este elemento que organiza a agenda dos ensaios, que distribui os materiais a serem trabalhados, que tem a autoridade central dentro do grupo para o organizar como pretende. Mostra-se aberta para receber qualquer comentário e abre propostas ao grupo, mas por norma a palavra final é dela. A própria forma como os pais interagem com os ensaios dos filhos é regulada por este elemento.

*Potencialidades do Grupo:* A categoria demonstra as potencialidades que os ensaios e o grupo em si revelam no dia a dia dos sujeitos. Nesta perspetiva, as tarefas e ferramentas que o grupo disponibiliza funcionam como estratégias de coping para emoções agradáveis, sejam eles através do convívio ou da própria performance musical dos intervenientes. O próprio grupo vincula e regula os seus elementos, isto quer dizer que quando um indivíduo se encontra numa fase complicada da vida, o grupo reúne-se e presenteia simbolicamente esse elemento de forma a regulá-lo. Por vezes essas atividades são tão centrais, que podem criar dependência, como é um caso de um elemento que afirma: “sinto falta das atividades e do grupo, apesar de me visitarem com frequência, mas é diferente”. O elemento positivo é que essa dependência não se manifesta tanto no comportamento fusional do grupo, a não ser no indivíduo que passou pela tentativa de suicídio.

O ritual em si é um elemento que permite a comunhão do grupo, mas também impulsiona a atenção volitiva para o material simbólico da própria eucaristia e das referências narrativas religiosas, permitindo um melhor entendimento e integração desse material. A responsabilidade atribuída aos elementos solistas, ou aos elementos encarregues de encontrar

algum tipo de material, beneficia o sentimento de autoeficácia destes. O reforço crítico construtivo é uma constante e realçado no comportamento dos adultos para as crianças.

#### **4. Discussão**

Através do presente estudo, com base numa metodologia qualitativa etnográfica, foi possível perceber a experiência subjetiva dos sujeitos pertencentes ao grupo coral religioso e as dinâmicas organizacionais possíveis através dos métodos de observação participante. As entrevistas a fundo deram um maior contributo à inferência subjetiva e, nesse âmbito, alguns dados podem ser consolidados com a bibliografia:

Tal como Park (2005) admitia, o processo de maturação religiosa pode conceder um mecanismo de coping mais favorável contra os fatores de stress. As emoções que surgem numa entrevistada nossa, quando alia a música e a mensagem da eucaristia nas performances do grupo, mostram-se tão significativas que aquele momento é, por si, um catalisador da própria integração psicológica. Na nossa entrevistada, que estava doente, o grupo e as suas atividades religiosas ajudaram-na a lidar melhor com a sua situação médica. Os estados psicológicos positivos, tal como alegria ou esperança, são normativos dos estudos religiosos (Cole & Pargament, 1999), assim como a religião atua como preditor de bem-estar (Cohen, 2002; Laurencelle, Abell & Schwartz, 2002). No entanto, parece ser a forma como o indivíduo aceita a sua religiosidade e as práticas que desenvolve podem favorecer uma ferramenta flexível no ajuste das necessidades de cada indivíduo.

A partir dos dados que obtivemos das entrevistas e da observação participativa, não temos a possibilidade de compreender na totalidade o denominado processo de individuação tal como proposto por Jung. No entanto, McNamara (2009) afirma que as pessoas religiosas, através de processos de redução da agência volitiva circunscritos aos rituais, conseguem descentrar-se do seu Self atual favorecendo imagetivamente um Self melhor ou ideal, mais ajustado às necessidades do indivíduo, (e.g., seja o seu Deus, seja os seus santos ou imagens divinas) deslocando os estados intencionais para a divindade. Se nos circunscrevemos aos rituais, as dinâmicas, a organização e as performances do grupo coral estudado potenciam tal integração do material estudado, atenção focada nesse material e performance musical que os poderá elevar a esses estados. Este procedimento visa favorecer as pessoas a que James (1991) denominou “*sick souls*”; para este, estas pessoas vivem com um conflito de identidades e uma heterogeneidade de valores. Desta forma, essas pessoas precisariam de nascer duas vezes, através do encontro gradual com a religião ou abruptamente como acontece nos casos de

conversão. Será desta forma capaz de potenciar o conceito de individuação de Jung, onde o indivíduo encontra uma resolução final para as suas instâncias psíquicas e uma integração em harmonia entre as propriedades afetivas e os problemas cognitivos da cisão individual.

Num olhar mais abrangente, e reconhecendo as teorias da personalidade, alguns elementos dos nossos dados vão de encontro com as propostas de Allport (1967), onde a religiosidade intrínseca se articula com toda a personalidade proporcionando uma certa diretividade sobre as instâncias psíquicas individuais, a partir de um processo que o indivíduo se volta para si e para o seu crescimento pessoal. No outro oposto, a personalidade extrínseca será voltada para as dimensões institucionais e organizacionais da própria religiosidade, pensando num carácter utilitário. Aqui o indivíduo pode encontrar uma fonte de segurança, de socialização. No caso dos nossos indivíduos que relataram alguns elementos que se podem enquadrar no processo de conversão, estes encontraram também no grupo uma certa estabilidade e olhando as dinâmicas dos elementos, não será demasiado afirmar que existe um sentido. Sentido esse que Viktor Frankl (2013) afirmava ser o propósito da existência, pode ser mais rapidamente integrado através da religião, pelas suas complexas fontes de significado e propósito de vida (Oman & Thoresen, 2003; Paloutzian & Park, 2005). No âmbito das idiosincrasias pessoais, podem manifestar-se alguns elementos que necessitam de uma análise mais profunda. No guião da entrevista, a questão 20 “Por causa das suas crenças espirituais ou religiosas, tem-se perdoado pelas coisas erradas que tem feito? Tem perdoado aqueles que o/a têm ofendido?” Ajuda-nos a perceber certos padrões pessoais da proposta de culpa e culpabilidade apresentada por Ávila (2003). Alguns elementos posicionam-se mais numa culpa centrada neles próprios e naquilo que eles podem ou podiam ter feito, e outros elementos centram-se numa culpa relacionada com os eventos dos outros e nestes dois existem dois graus diferenciais. Um grau será o que perdoa com muita dificuldade e percebendo esse conflito e outro que perdoa com maior facilidade. Porém, o que é constante nas respostas é que as normas religiosas ou a entidade divina superior, Deus, funcionam como facilitadores desse próprio perdão. Com isto o que pretendemos é dar ênfase à complexidade humana, mas realçar a importância da religiosidade que pode servir como uma chave mestre para questões pessoais.

Relativamente ao grupo em si, percebemos que uma das propostas de Hood, Hill e Spilka (2009) é válida. Parece que os sistemas de significado e os relacionamentos sociais criados durante o convívio são fatores importantes para a manutenção dos indivíduos na organização. Ao nível comunitário, o grupo parece estar em harmonia com a sua cultura de pertença, visto que faz parte da doutrina católica cristã. O facto de pertencer ao grupo de crenças

da sua cultura de pertença, afasta o grupo de possíveis tensões e atitudes desviantes (Streib, Silver, Csöff, Keller & Hood, 2011). Uma vantagem do grupo coral estudado é que ele pode-se situar no ponto mais positivo da teoria de Fink e Stark (2001, *cit. in* Hood, Hill & Spilka, 2009). Segundo estes autores os grupos situados no polo ultraliberal ou no polo ultraestrito, nunca poderão satisfazer as necessidades dos seus intervenientes, sendo que o ponto mais positivo se encontra algures no centro. Neste caso, o grupo partilha das suas experiências, são praticantes dentro da sua organização e instituição maior de pertença, mas não representa o todo da vida dos seus intervenientes. Uma das entrevistadas garante que até sente a necessidade de alertar para a assiduidade dos intervenientes do grupo. Entre esta análise e sendo o grupo aberto aos restantes e comunidade, podemos admitir que não estamos perante um grupo restrito ou uma seita que não se articule entre a individualidade dos seus intervenientes, a sua cultura e as dimensões espirituais de cada um.

## **5. Implicações Clínicas**

A presença em grupos religiosos tem demonstrado efeitos positivos relacionados com a morbilidade e mortalidade (Brown, 2000; Oman, Kuraka, Strawbridge & Cohen, 2002), efeitos positivos nos índices de pressão sanguínea (Mishra, Togneri, Tripathi & Trikamji, 2017).

No caso do presente grupo foi possível perceber que existe um ajustamento dos próprios comportamentos e que as pessoas nunca se excedem. O próprio tratamento para com as crianças é encorajador e ao mesmo tempo com o devido suporte. Tal como no estudo de Lawrence, Oquendo e Stanley (2016), num dos elementos do estudo, o encontro com o grupo e com as atividades religiosas parece ter desencadeado fatores protetores contra as suas tendências suicidas. O grupo parece proporcionar as três diretrizes necessárias para a teoria da autodeterminação (Ryan & Deci, 2000). Essas diretrizes são a competência, a relação e a autonomia. O grupo promove a competência musical e religiosa do grupo. Os momentos de convívio, de encontro para as performances ou para suporte de um elemento doente, vinculam o aspeto relacional entre as pessoas. Por último, o grupo apesar de se dinamizar em bloco, não quer dizer que não especifique tarefas num determinado elemento, potenciando assim a sua autonomia.

As dinâmicas e relações grupais observadas transportadas para a prática clínica podem dizer-nos mais sobre a nossa cultura e as suas tradições ainda vivas. Oferece-nos também a possibilidade de compreendermos as ferramentas sobre as quais os grupos corais, enquanto organismo social, comportam, e como podem ser úteis para os indivíduos, tanto na sua saúde

mental e física. Pode ser uma nova possibilidade o facto dos psicólogos trabalharem mais perto destas instituições, incorporando saudavelmente os indivíduos.

## **6. Direções Futuras**

Ao longo de várias pesquisas em base de dados como *Web of Science*, *Ebsco*, *b-on*, *Google Scholar*, permitiu perceber que o nosso estudo é algo pioneiro, principalmente no nosso país. A ênfase em perceber as dimensões religiosas individuais dos elementos do grupo coral e as dinâmicas dentro do todo não têm sido muito explorados pela comunidade científica. A primeira proposta para futuros estudos surge desta necessidade de compreender melhor o propósito destes grupos, na vida dos seus elementos. A segunda proposta surge nesse seguimento, visto que um estudo com especialistas com outros conhecimentos, pode possibilitar uma discussão mais ampla, exemplo disso seria talvez alguém com especialidade em estudos de etnografia musical explorar melhor a simbologia musical *sacra* e em pareceria com a psicologia perceber o seu propósito para o grupo. Uma bibliografia mais alargada na área possibilita também a construção ou escolha de melhores métodos de estudo e ferramentas a utilizar. Neste caso, o nosso próprio estudo pode não ter só falhas ao nível teórico, mas também metodológico ou, pelo menos, carência de aperfeiçoamento.

## Referências Bibliográficas

- Allport, G. W., & Ross, J. M. (1967). Personal religious orientation and prejudice. *Journal of personality and social psychology*, 5(4), 432.
- Ávila, A. (2003). *Para conocer la psicología de la religión*. Estella. Navarra: Verbo Divino.
- Bailey, B.A., & Davidson, J.W. (2002). Adaptive characteristics of group singing: Perceptions from members of a choir for homeless men. *Musicae Scientiae*, 6(2), 221-256
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101.
- Beit-Hallahmi, B. & Argyle, M., (2004). *The psychology of religious behaviour, belief and experience*. London: Routledge.
- Boyer, P. (2003) Religious thought and behaviour as by-products of brain function. *Trends in Cognitive Science* 7(3):119–124.
- Brown, C. M. (2000). Exploring the role of religiosity in hypertension management among African Americans. *Journal of Health Care for the Poor and Underserved*, 11(1), 19-32.
- Cappelle, M. C. A., Melo, M. C. O. L., & Gonçalves, C. A. (2003). Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, 5(1), 0-0.
- Cohen, A. B. (2002). The importance of spirituality in well-being for Jews and Christians. *Journal of Happiness Studies*, 3(3), 287-310.
- Cole, B., & Pargament, K. (1999). Re-creating your life: a spiritual/psychotherapeutic intervention for people diagnosed with cancer. *Psycho-Oncology*, 8(5), 395-407.

- Creswell, J. W. (2012). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches*. Los Angeles, CA: Sage publications.
- Denzin, N. K. (1973). *The research act: A theoretical introduction to sociological methods*. New Jersey, NY: Transaction publishers.
- Ferriss, A. L. (2002). Religion and the quality of life. *Journal of Happiness Studies*, 3(3), 199-215.
- Fiala, W. E., Bjorck, J. P., & Gorsuch, R. (2002). The religious support scale: Construction, validation, and cross-validation. *American Journal of Community Psychology*, 30(6), 761-786.
- Fowler, J. W., & Dell, M. L. (2006). Stages of faith from infancy through adolescence: Reflections on three decades of faith development theory. *The handbook of spiritual development in childhood and adolescence*, 34-45.
- Francis, L. J., & Kaldor, P. (2002). The relationship between psychological well-being and Christian faith and practice in an Australian population sample. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 41(1), 179-184.
- Frankl, V. E. (2013). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração* (Vol. 3). Editora Sinodal.
- Gillihan, S. J., & Farah, M. J. (2005). The cognitive neuroscience of the self: insights from functional neuroimaging of the normal brain. *The lost self: pathologies of the brain and identity*, 20-32.
- Grocke, D., Bloch, S., & Castle, D. (2009). The effect of group music therapy on quality of life for participants living with a severe and enduring mental illness. *Journal of Music Therapy*, 46(2), 90-104.

- Hay, D. (1990). *Religious experience today: Studying the facts*. London: Mowbray.
- Hills, P., & Argyle, M. (1998). Musical and religious experiences and their relationship to happiness. *Personality and Individual Differences*, 25(1), 91-102.
- Hood Jr, R. W., Hill, P. C., & Spilka, B. (2009). *The psychology of religion: An empirical approach*. New York: Guilford Press.
- Instituto Nacional de Estatística. Censos 2001: resultados definitivos. Lisboa; 2002.
- Jung, C. G., Von Franz, M. L. (1964). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova fronteira.
- Jung, C. G. (2014). *Psychology and religion: West and east* (2nd ed.). New York, NY: Routledge.
- Krause, N., Ellison, C. G., & Wulff, K. M. (1998). Church-based emotional support, negative interaction, and psychological well-being: Findings from a national sample of Presbyterians. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 725-741.
- Koelsch, S. (2014). Brain correlates of music-evoked emotions. *Nature Reviews Neuroscience*, 15(3), 170-180.
- Koenig, H. G., Hays, J. C., George, L. K., Blazer, D. G., Larson, D. B., & Landerman, L. R. (1997). Modeling the cross-sectional relationships between religion, physical health, social support, and depressive symptoms. *The American Journal of Geriatric Psychiatry*, 5(2), 131-144.
- Krause, N. (2003). Religious meaning and subjective well-being in late life. *The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 58(3), S160-S170.
- Krause, N. (2007). Longitudinal study of social support and meaning in life. *Psychology and aging*, 22(3), 456.

- Krefting, L. (1991). Rigor in qualitative research: The assessment of trustworthiness. *American journal of occupational therapy*, 45(3), 214-222.
- Lapadat, J.C. and Lindsay, A.C. 1999: Transcription in research and practice: from standardization of technique to interpretive positionings. *Qualitative Inquiry*, 5, 64-86
- Laurencelle, R. M., Abell, S. C., & Schwartz, D. J. (2002). The relation between intrinsic religious faith and psychological well-being. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 12(2), 109-123.
- Lawrence, R. E., Oquendo, M. A., & Stanley, B. (2016). Religion and suicide risk: a systematic review. *Archives of suicide research*, 20(1), 1-21.
- Lu, X. (2001). Bicultural identity development and Chinese community formation: Na ethnographic study of Chinese schools in Chicago. *Howard Journal of Communication*, 12(4), 203-220.
- Mangione, L., Lyons, M., & DiCello, D. (2016). Spirituality and religion in experiences of Italian American daughters grieving their fathers. *Psychology of Religion and Spirituality*, 8(3), 253.
- Mattis, J. S. (2000). African American women's definitions of spirituality and religiosity. *Journal of Black Psychology*, 26(1), 101-122.
- Mattis, J. S. (2002). Religion and spirituality in the meaning-making and coping experiences of African American women: A qualitative analysis. *Psychology of Women Quarterly*, 26(4), 309-321.
- Mays, N., & Pope, C. (1995). Rigour and qualitative research. *BMJ: British Medical Journal*, 311(6997), 109.
- Mazumdar, S., & Mazumdar, S. (2004). Religion and place attachment: A study of sacred places. *Journal of environmental psychology*, 24(3), 385-397.

- McNamara, P. (2009). *The neuroscience of religious experience*. New York, NY: Cambridge University Press.
- Miles, B., Huberman, M., (1994). *Qualitative Data Analysis: An Expanded Sourcebook*. (2<sup>nd</sup>ed.) Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Mishra, S. K., Togneri, E., Tripathi, B., & Trikamji, B. (2017). Spirituality and religiosity and its role in health and diseases. *Journal of religion and health*, 56(4), 1282-1301.
- Muecke, M. A. (1994). On the evaluation of ethnographies. *Critical issues in qualitative research methods*, 187-209.
- Northover, W. E., & Gonzalez, L. M. (1993). A cross-cultural comparison of religious belief: Canadian and Spanish students' responses to the Hunt scale. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 3(3), 187-199.
- Oman, D., & Reed, D. (1998). Religion and mortality among the community-dwelling elderly. *American Journal of Public Health*, 88(10), 1469-1475.
- Oman, D., Kurata, J. H., Strawbridge, W. J., & Cohen, R. D. (2002). Religious attendance and cause of death over 31 years. *The International Journal of Psychiatry in Medicine*, 32(1), 69-89.
- Oman, D., & Thoresen, C. E. (2003). "Spiritual Modeling: A Key to Spiritual and Religious Growth?". *The International Journal for the Psychology of Religion*, 13(3), 149-165.
- Otto, R. U. (2016). *Mysticism east and west: A comparative analysis of the nature of mysticism*. Eugene, OR: WIPF & STOCK Publishers.
- Paloutzian, R. F., & Park, C. L. (2005). Integrative themes in the current science of the psychology of religion. *Handbook of the psychology of religion and spirituality*, 1, 3-20.

- Pargament, K. I., Koenig, H. G., & Perez, L. M. (2000). The many methods of religious coping: Development and initial validation of the RCOPE. *Journal of clinical psychology, 56*(4), 519-543.
- Park, C. L. (2005). Religion as a meaning-making framework in coping with life stress. *Journal of social issues, 61*(4), 707-729.
- Pendleton, S. M., Cavalli, K. S., Pargament, K. I., & Nasr, S. Z. (2002). Religious/spiritual coping in childhood cystic fibrosis: A qualitative study. *Pediatrics, 109*(1), e8-e8.
- Riccards, M. P. (1978). The structure of religious development. Empirical evidence for a stage theory. *Lumen Vitae. International Review of Religious Education, 33*(1), 97-123.
- Pieri, F., P. (2005). *Introdução a Carl Gustav Jung*. Serra, J. (trad.) Lisboa: Edições 70, Lda.
- Ponterotto, J. G. (2005). Qualitative research in counseling psychology: A primer on research paradigms and philosophy of science. *Journal of counseling psychology, 52*(2), 126.
- Previc, F. H. (2006). The role of the extrapersonal brain systems in religious activity. *Consciousness and cognition, 15*(3), 500-539.
- Runehov ALC (2004) *Sacred or neural: neuroscientific explanations of religious experience. A philosophical evaluation*. Uppsala University Press, Uppsala.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. *American psychologist, 55*(1), 68.
- Saver, J. L., & Rabin, J. (1997). The neural substrates of religious experience. *The neuropsychiatry of limbic and subcortical disorders, 195-207*.
- Seeley, W. W., & Sturm, V. E. (2007). Self-representation and the frontal lobes. *The human*

*frontal lobes: Functions and disorders*, 317-334.

- Smith, C., & Denton, M. L. (2009). *Soul searching: The religious and spiritual lives of American teenagers*. New York, NY: Oxford University Press.
- Streib, H., Silver, C. F., Csöff, R. M., Keller, B., & Hood, R. W. (2011). *Deconversion: Qualitative and quantitative results from cross-cultural research in Germany and the United States of America* (Vol. 5). Vandenhoeck & Ruprecht.
- Taylor, S. J., Bogdan, R., & DeVault, M. (2015). *Introduction to qualitative research methods: A guidebook and resource*. New Jersey, NY: John Wiley & Sons.
- Williams-Jones, P. (1975). Afro-American gospel music: a crystallization of the black aesthetic. *Ethnomusicology*, 373-385.
- William J. (1902). *As Variedades da Experiência Religiosa*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Withe, V. (1964). *Deus e a psicanálise*. Felgueira, B. (trad.). Lisboa: Livraria Morais Editora.
- Wlodarczyk, N. (2007). The effect of music therapy on the spirituality of persons in an inpatient hospice unit as measured by self-report. *Journal of Music Therapy*, 44(2), 113-122.
- Wulf, J., Prentice, D., Hansum, D., Ferrar, A., & Spilka, B. (1984). Religiosity and sexual attitudes and behavior among evangelical Christian singles. *Review of Religious Research*, 119-131.

# Anexos

## **Anexo A – Guião de entrevista**

### **Guião de entrevista para avaliar a perceção de bem-estar na prática religiosa**

O objetivo desta entrevista é compreender a partir do seu relato pessoal, a sua motivação na realização de práticas religiosas ou não e em que medida isso lhe transmite a sensação de bem-estar, realização pessoal no seu dia-a-dia. A sua colaboração é essencial para levar a cabo o alcance do objetivo pretendido. Assim, agradecemos a sua colaboração e disponibilidade para responder a esta entrevista.

Importa referir que não existem respostas certas ou erradas. Caso não perceba alguma das questões sinta-se à vontade para interromper a qualquer momento e colocar as questões que achar conveniente. As respostas dadas são estritamente confidenciais e serão utilizadas apenas no âmbito deste estudo. A participação no mesmo é voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento, sem que seja necessário justificar a sua decisão.

Como já tínhamos abordado, é necessário proceder à gravação da entrevista. Não sei se gostaria de colocar alguma questão? Quando se sentir preparado/a daremos início à mesma.

#### **Para começar gostaria de lhe colocar algumas questões relacionadas com os seus dados pessoais:**

1. O seu nome?
2. Masculino/ Feminino?
3. A idade?
3. A escolaridade?
4. Atualmente qual é o seu estado civil?
5. Tem filhos? Quantos? O género? E a idade?
6. Atualmente, quem vive consigo?
7. Qual é a sua situação atual de trabalho?
8. Considera suficiente o seu rendimento mensal? E os rendimentos das pessoas que vivem na sua residência? (incluir benefícios sociais)

#### **Agora vamos falar um pouco da sua experiência religiosa:**

9. Tem alguma prática religiosa/espiritual?
10. Participa em que atividades ligadas a essas praticas religiosas/ religião? (Se sim:). Quantas horas semanais?
11. Desde quando participa nessas práticas? O que o/a levou a fazer isso?
12. Sente a presença de Deus no seu dia-a-dia? Quando é que isso acontece?
13. Encontra força e conforto na sua religião? Com que frequência?
14. Sente uma profunda paz interior ou harmonia? Com que frequência?
15. Deseja estar próximo ou em união com Deus? Com que frequência?
16. Sente-se realizado/a ao participar nessas práticas? (Se sim/não:). Explique um pouco melhor.
17. Acredita (então) num Deus pessoal que cuida de si?
18. Sente uma grande responsabilidade no que acontece à sua volta?
19. De que forma poderia ajudar alguém a ultrapassar uma situação difícil?
20. Por causa das suas crenças espirituais ou religiosas, tem-se perdoado pelas coisas erradas que tem feito? Tem perdoado aqueles que o/a têm ofendido?
21. Acredita que Deus o/a perdoa?
22. Já perdeu a fé em Deus? (Se sim/não:). Quando? Pode falar um pouco disso?
23. Imagine que não segue qualquer religião. Considera que seria mais ou menos difícil resolver qualquer situação problemática? Explique um pouco melhor?
24. Diga-me o quanto a sua religião espiritualidade o/a ajuda na compreensão e na forma de resolver as situações difíceis?
25. Com que frequência costuma encontrar-se com as pessoas do seu grupo religioso? É costume procurarem-no/a?
26. Já teve alguma experiência religiosa ou espiritual que mudou a sua vida? (se sim). Qual era a sua idade quando essa experiência aconteceu?
27. Já sentiu que teve alguma recompensa com a sua fé? (Se sim:). Qual era a sua idade quando essa experiência aconteceu?
28. Considera que as suas crenças religiosas estão por trás de toda a sua maneira de viver?

**Gostaria que me falasse um pouco da sua percepção de bem-estar no geral:**

29. Se estivesse doente ou numa situação difícil, quanto conforto os outros lhe dariam?
30. O contato que tem com os outros costuma ser agradável ou desagradável. Fale-me um pouco sobre isso?
31. Com que frequência dedica o seu tempo a atividades de lazer com a sua família, amigos e conhecidos?
32. Como encara as críticas e comentários menos agradáveis do seu grupo? Com que frequência o costumam fazer?
33. Considera que alguns aspetos da sua vida poderiam ser melhorados? Explique quais e como?
34. Sente-se bem com as suas escolhas de vida? A sua vida no geral como sente que está comparativamente com a dos outros?
35. Tem algum problema de saúde? Qual? De que forma tem lidado com a situação?
36. No geral. Sente-se realizado/a? (Se não:) O que tem feito para alterar a situação?
37. Para finalizar a nossa entrevista, há alguma coisa que considere importante referir?

**Obrigada pela sua participação**

## **Anexo B – Consentimento Informado**

**Investigadora:** Ana Seara (a.m.seara@gmail.com)

### **Sob a Orientação do Prof. Doutor João Carlos Major**

No âmbito da realização da dissertação de mestrado do 2.º ciclo de Psicologia Clínica e da Saúde e do Seminário de Investigação em Psicologia, venho por este meio pedir a sua colaboração para participar num estudo intitulado “**Concetualizando a Religiosidade de um Grupo Coral Bracarense: Um Estudo Etnográfico**”.

### **Objetivo do estudo**

O objetivo deste estudo é analisar o conceito de experiência religiosa, o seu aspeto indutivo e preditivo de bem-estar. Para o efeito de análise, será aplicado um guião de entrevista semi-estruturada, com a duração aproximada de 30 minutos. Não existe quaisquer riscos e desconfortos inerentes à sua participação.

Caso decidir participar na presente investigação, este estudo pode resultar não só num momento de reflexão, como também no seu possível crescimento pessoal. Todos os dados recolhidos serão tratados de forma confidencial. O material gravado será conservado num local seguro à responsabilidade dos investigadores. Os resultados serão apresentados mais tarde e os participantes não serão identificados. Os participantes neste estudo terão acesso a todos os resultados recolhidos e ao decurso da investigação em causa.

A escolha da participação é voluntária. Se decidir não participar, não sofrerá qualquer consequência pejorativa; poderá desistir em qualquer momento.

Pelo presente documento, eu \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ aceito participar plenamente neste estudo.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

*Para qualquer questão, contactar a investigadora responsável cujo endereço de e-mail é [a.m.seara@gmail.com](mailto:a.m.seara@gmail.com)*

## Anexo C – Transcrição do indivíduo C

(Para começar gostaria de lhe colocar algumas questões relacionadas com os seus) **dados pessoais:**

**1. O seu nome?**

Emília

**2. A idade?**

44 anos

**3. A escolaridade?**

6º ano

**4. Atualmente qual é o seu estado civil?**

Casada

**5. Tem filhos? Quantos? E o género?**

Sim, dois. Um rapaz de 22 anos e uma rapariga de 12.

**6. Atualmente, quem vive consigo?**

Eu, o meu marido e os meus filhos.

**7. Qual é a sua situação atual de trabalho?**

**8. Considera suficiente o seu rendimento mensal? E os rendimentos das pessoas que vivem na sua residência? (incluir benefícios sociais)**

Graças a Deus. / Nunca seja pior. (risos) Uma pessoa tem que se habituar ao que tem, não ao que poderia ter.

(Agora vamos falar um pouco da sua) **experiência religiosa:**

**9. Tem alguma prática religiosa/espiritual?**

Sim, com certeza. / Ir à Eucaristia, / participar em várias coisas que tenham a ver com Deus. /Eventos como peregrinações. /

**10. Participa em que atividades ligadas a essas praticas religiosas/ religião? (Se sim). Quantas horas semanais?**

O grupo coral. / Já fui catequista, mas agora não sou. / Três, quatro horas. /

**11. Desde quando participa nessas práticas? O que o/a levou a fazer isso?**

Já canto há muito tempo, / mas mais ou menos 6 anos. / Sempre gostei de cantar / e gosto muito da Eucaristia com música, /vive-se mais a Eucaristia. /Acho que a gente interioriza melhor a Eucaristia. /

M3: M participa em atividades religiosas.  
M4: A participante vai a Eucaristia.  
M5: M participa em várias praticas religiosas.  
M6: A participante vai a eventos religiosos.  
M7: M participa em atividades relacionadas com praticas religiosas.  
M8: M já foi catequista.  
M9: M revela que canta a muito tempo.  
M10: M canta aproximadamente 6 anos.  
M11: A participante sempre gostou de cantar.  
M12: A gosta de Eucaristia com musica.  
M13: A participante consider a eucaristia mais vivenciada.  
M14: M considera que a experiencia eucaristia mais interiorizada

- 12. Sente a presença de Deus no seu dia a dia? Quando é que isso acontece?**  
 Sim/. Em todos os momentos da minha vida./ Nos bons e menos bons./ acredito e sinto que Deus está comigo./
- Encontra força e conforto na sua religião? Com que frequência?**  
 Sim.
- 13. Sente uma profunda paz interior ou harmonia? Com que frequência?**  
 Sim, paz interior
- 14. Deseja estar próximo ou em união com Deus? Com que frequência?**  
 Sim, mais próxima com deus.
- 15. Sente-se realizado/a ao participar nessas práticas? (Se sim/não:).**  
 Explique um pouco melhor.  
 Sinto que me faz bem/. Para mim, o ensaio do grupo coral é uma terapia/. A gente pode até estar um bocadinho em baixo, mas eleva o astral/. Para mim, ir à Eucaristia ou animar uma missa/, ou até o ensaio/, parece que o que me dá mais força/.
- 16. Acredita (então) num Deus pessoal que cuida de si?**  
 Sim.
- 17. Sente uma grande responsabilidade no que acontece à sua volta?**  
 Sim
- 18. De que forma poderia ajudar alguém a ultrapassar uma situação difícil?**  
 Dizendo que acredite em Deus./ que não desanime. /Que nunca o deixe de lado/. Não quer dizer que o obrigue a acreditar no que eu acredito/, mas pela minha experiência eu acho que nós acreditarmos em Deus e confiar nele/, costumam-nos menos os problemas/. Mas acho que muitas pessoas se deprimem facilmente/. Não têm uma luz/. Que aconteceu aquilo de mal e só vai acontecer coisas de mal/. 6:02
- 19. Por causa das suas crenças espirituais ou religiosas, tem-se perdoado pelas coisas erradas que tem feito? Tem perdoado aqueles que o/a têm ofendido?**  
 Não digo perdoar, /que eu não tenho de me perdoar a mim./ Mas que me faz parar e pensar que fiz coisas que afinal não devia ter feito. /Eu para

M15: M sente a presença de de  
 M16: M sente a presença de de  
 em todos acontecimentos da via  
 M17: A participante experienci  
 presença de deus em bons e ma  
 momentos.  
 M18: M acredita e experienci  
 presença de deus.  
 M19: a M encontra força e  
 conforto na sua religião católic  
 M20: A participante sente uma  
 profunda paz interior.  
 M21: A M desejava estar mais  
 próxima de deus.  
 M22: A M sente-se bem em  
 participar em práticas religiosas  
 M23: A participante considera  
 ensaio do grupo coral terapêutic  
 M24: A participante considera q  
 o ensaio do grupo coral eleva o  
 astral quando sente mais em ba  
 M25: A M acredita que deus cu  
 dela.  
 M26: M sente-se responsável d  
 que rodava.  
 M27: M diria para acreditar em  
 deus.  
 M28: Para a pessoa não desanim  
 M29: Para a pessoa nunca deix  
 deus de lado.  
 M30: M quer dizer para a pess  
 acreditar sem imposição das  
 crenças dela.  
 M31: M acredita que a sua  
 experiência religiosa é positiva  
 M32: M a experiência religiosa  
 ajuda a ultrapassar os problema  
 M33: M considera as pessoas  
 deprimem menos.  
 M34: M considera as pessoas  
 crenças iluminadas.  
 M35: M considera as pessoas se  
 situação difícil tem um distorçã  
 do pensamentos.  
 M36: M não considera que ten  
 do se perdoar.  
 M37: M pode sempre a deus qu  
 ensine ser melhor

mim, peço todos os dias a Deus que me ensine a ser cada vez melhor./ Dou graças a Deus que não tenha havido muita gente que me tenha ofendido./ quase ninguém./ Se alguém me diz algo que eu não goste tanto, ignoro./ Não sou eu que vou julgar essa pessoa./ Porque muitas pessoas são frustradas/ e atingem os outros com o mal./ 'Eu não estou bem e aquela pessoa também não vai estar'. Eu não, eu não sou assim./ Costumo dizer que se à minha volta estiver tudo bem,/ eu estou bem./ O mal dos outros a mim não me interessa nada. / gosto que os outros estejam bem.

**20. Acredita que Deus o/a perdoa?**

Sim, sim.

**21. Já perdeu a fé em Deus? (Se sim/não:). Quando? Pode falar um pouco disso?**

Não, nunca.

**22. Imagine que não segue qualquer religião. Considera que seria mais ou menos difícil resolver qualquer situação problemática? Explique um pouco melhor?**

Acho que era mais difícil. /Eu falo no meu, que é Deus./ Mas acho que o acreditar que alguém que é superior a nós,/ é mais fácil./

**23. Diga-me o quanto a sua religião espiritualidade o/a ajuda na compreensão e na forma de resolver as situações difíceis?**

Completamente./ Acontece-me a mim,/ e não só a mim, que nunca seja pior. Tem sido só idas ao hospital. Eu já lá estive várias vezes, mas fui e vim. Eu costumo dizer 'enquanto for assim é bom'. Agora, quando a gente lá vai e olha para o nosso lado ver casos graves, eu confesso que já lá fui e estou nova. À beira dos outros, estou boa.

**24. Com que frequência costuma encontrar-se com as pessoas do seu grupo religioso? É costume procurarem-no/a?**

Sempre que posso. /E sim, procurarmo-nos uns aos outros.

**25. Já teve alguma experiência religiosa ou espiritual que mudou a sua vida? (se sim). Qual era a sua idade quando essa experiência aconteceu?**

Não digo que mudasse a minha vida, / mas que me tornasse melhor./ Não temos capacidade de ser perfeitos,/ mas uma pessoa que se diga cristã não pode ter aquela coisa de dizer 'eu sou melhor que os outros'./ Eu penso que o cristão sabe compreender a pessoa./..O cristão em si, deve seguir a palavra

poucas ofensas.  
M39: Segundo M, quase ninguém a ofendem.  
M40: M ignora argumentos que não gosta.  
M41: M considera que não deve julgar a pessoa.  
M42: M considera que existe pessoas frustradas.  
M43: M considera as pessoas atingem os outros com o mal.  
M 44: M considera as pessoas não estão bem não permite o bem nos outros.  
M45: A participante considera-se diferente as pessoas frustradas.  
M46: M gosta que todos estejam bem  
M47: M sente-se bem com o bem-estar dos outros.  
M48: Para M o mal dos outros não lhe interessa.  
M49: M gosta que as pessoas estejam bem.  
M50:M acredita que deus a perdoa.  
M51: M nunca perdou a fé.  
M52:M considera que era mais difícil se não seguisse qualquer religião  
M53:A participante segue a religião católica.  
M54: M Acredita que existe alguém superior.  
M55: A participante considera que ao acreditar seja mais fácil.  
M56: M revela que a sua religião ajuda na compreensão e na forma de resolver as situações difíceis.  
M57:

M58:M revela que quando pode tenta encontrar-se com pessoas do seu grupo religioso.  
M59: M revela que as pessoas do grupo religioso se procuram mutuamente.  
M60: M considera que a experiência religiosa não mudou a sua vida.  
M61: A participante revela que a experiência religiosa a tornou melhor.  
M62: M considera que o homem não tem a capacidade de ser perfeito.  
M63: M considera que um cristão não se pode considerar superior ao outros.  
M64: M considera que o cristão tem a capacidade de compreender o outro.  
M65: Para M Um cristão deve seguir a palavra de deus.

de Deus./ É o nosso lema de vida./ e para mim é tudo./ A minha mãe sempre nos habituou./ claro que na nossa juventude dos 15 anos não temos a maturidade que temos agora./ Desde pequena que a minha mãe nos ensinou a rezar./ a ir à missa./ a rezar o terço em casa. /E nós já sabíamos mesmo ao Domingo que tínhamos de dar aquela horinha./ Claro que na juventude, naquela idade da parvalheira./claro que não rezávamos com a fé que temos agora./ É um Deus que era muito bom./ mas nós não sentíamos./

**26. Já sentiu que teve alguma recompensa com a sua fé? (Se sim):**

**Qual era a sua idade quando essa experiência aconteceu?**

Ah, sim na minha vida./ Basta a minha vida./ Eu sinto que tenho tudo. /Não preciso de bons carros, de grandes casas. /Ter a minha vidinha organizada./

Graças a Deus, que me ajudou muito./

**27. Considera que as suas crenças religiosas estão por trás de toda a sua maneira de viver?**

Sim./

Gostaria que me falasse um pouco da sua percepção de **(bem-estar no geral)**:

**28. Se estivesse doente ou numa situação difícil, quanto conforto os outros lhe dariam?**

Sem dúvida./ Já estive doente algumas vezes./ operada algumas vezes./ Já tive uma depressão./mesmo com a energia que aparento ter./ E nunca estive só./ Nunca me faltou mimo./ E é nessas horas que a gente vê os amigos./ Tenho 9 irmãs e 3 irmãos./ Infelizmente morreu um, /que bastava dizer que estava a gemer e estava logo do meu lado./Que Deus o tenha /e que ele está junto de Nosso Senhor por nós./ Ainda hoje me custa muito./ Morreu a um Domingo./ Eu costumo dizer que já não tenho medo de morrer/ agora que ele está à nossa espera./ E acredito que ele que está num bom lugar./ E mesmo os meus irmãos e irmãs.../ E eu vou-lhe dizer, para mim a maior riqueza que tenho é a família./ (...) A minha filha fez a anos/ e eu convidei trinta e tal pessoas. /Eu, para mim, não é a comida./ É estarmos juntos./ Rir./ Claro que temos aquelas desavenças de ralar uns com os outros, /mas ultrapassamos.m

**29. O contato que tem com os outros costuma ser agradável ou desagradável. Fale-me um pouco sobre isso?**

de vida.

M67: para M ser cristão é tudo.

M68: a mãe de M ensinou-a a ser cristã.

M69: A participante sentia que na juventude não tinha a maturidade de hoje.

M70: A mãe de M ensinou-a a rezar em pequena.

M71: M em pequena ia à missa

M72: M em pequena rezava o terço.

M73: Ao domingo M em pequena tinha a hora da missa.

M74: Para M a juventude é a idade da parvalheira.

M75: Na juventude M não rezava com a mesma fé da atualidade.

M76: M considerava um deus bom.

M77: Na juventude M não esperianciava deus como na sua atualidade

M78: M já esperianciou alguma recompensa com a sua fé.

M79: M esperiancia alguma recompensa na sua vida

M80: M sente que tem tudo.

M81: M considera que não é necessário possuir grandes bens materiais.

M82: M considera ter uma vida organizada.

M83: M agradece pela ajuda recebida de deus.

M84: M considera que as crenças religiosas influenciam o seu modo de viver

M85:

Muito bom./ Pelo menos eu tenho muita facilidade em falar com as pessoas./Eu não sou uma pessoa pessimista./

**Com que frequência dedica o seu tempo a atividades de lazer com a sua família, amigos e conhecidos?**

Infelizmente não tenho muito tempo/ porque tenho de trabalhar, /mas sempre que posso aproveito um bocadinho./

**30. Como encara as críticas e comentários menos agradáveis do seu grupo? Com que frequência o costumam fazer?**

Só acho crítica de quem é melhor do que eu. /Quem eu vejo que não é melhor do que eu, não vejo como crítica. / São coisas que não me atingem. /

**31. Considera que alguns aspetos da sua vida poderiam ser melhorados? Explique quais e como?**

Talvez./ Sim, procuro melhorar./

**32. Sente-se bem com a suas escolhas de vida? A sua vida no geral como sente que está comparativamente com a dos outros?**

Sim. /Nunca me arrependi. / Nem tenho por hábito comparar./

Quero levar a minha vida muito direitinha./ ou o mais direitinha possível./ Mas nunca na vida «ai ele tem e eu não». /Nem me lembra disso./

**33. Tem algum problema de saúde? Qual? De que forma tem lidado com a situação?**

Aqueles que vão e vêm./ Que vai ao hospital e vem,/ mas nada de mais./

**34. No geral. Sente-se realizado/a? (Se não:) O que tem feito para alterar a situação?**

Sim./

**35. Para finalizar a nossa entrevista, há alguma coisa que considere importante referir?**

Deus na nossa vida,/eu acho que é uma energia / que nunca nos deixa sós./ E que nós caminharmos com ele é mais fácil em todos os momentos, /nos bons, nos maus,/ naquele que a gente até pensa que está só /porque parece que está tudo a desabar em cima da gente/ e que não vai ter sol./ Aquela passagem dos pés na areia. / Há 15 anos estive internada no hospital/ durante 15 dias/ e estava lá uma senhora que era de Famalicão,/ e era uma senhora que não dava um sorriso a ninguém./ Ela falava com as empregadas,/ com as enfermeiras,/ ela

com os outros agradável.  
M87: M tem facilidade de interagir com os outros

M88: M não se considera uma pessoa pessimista.

M89: M não tem muito tempo disponível para o convívio

M91: M revela que não tem tempo por estar a trabalhar

M92: M sempre que pode aproveita para conviver.

M93: M apenas aceita críticas das pessoas melhores que ela.

M94: M não considera crítica a pessoas que considera piores qz ela.

M95: M considera que as pessoas que sejam piores que el não a atingem.

M96: M considera que talvez existe alguns aspetos da sua vid poderia ser melhorados.

M97: M tenta procurar resposta para melhorar.

M98: M sente bem com as suas escolhas de vida.

M99: M não arrepende da sua escolha

M100: M não costuma comparar com a vida dos outros.

M102:

dizia mal de tudo na vida./ Ela já tinha os seus 70 anos,/ pela vida toda dela ela não tinha uma coisa boa./ Mas estava mesmo revoltada./ A cara dela assustava./ Disse que estava revoltada com tudo e com todos,/ que nada fazia sentido na vida./ E eu virei-me para ela e disse 'ó minha senhora, mas porque é que está tão revoltada com a vida', /e ela disse-me ' ó filha, tive tantos problemas pela vida fora' / 'Mas o seus filhos não a largam./ Tem uma senhora aqui na frente que os filhos não a vêem buscar. /Quem é que está melhor, é a senhora ou é ela?/ A senhora até está bem./ Eu estou aqui há 15 dias e tenho 29 anos./ Tenho um filho pequeno e não é fácil./ A senhora está aqui mas tem os filhos criados./ Não lhes falta nada. /Porque é que a senhora está revoltada?/ Deia graças a Deus todos os dias./ Eu sou tão nova e aqui estou! /Nós todos temos cá um lugar./ Sorria para a vida! /Não seja tão revoltada com a vida, /você tem tantas coisas boas /mas só está a querer ver as más./ Olhe que bom: os seus filhos não a largam, /está a ser bem tratada./ A senhora própria disse que o seu marido morreu /e você conseguiu lutar./Seja feliz!/ A senhora foi uma heroína,/ conseguiu dar a volta por cima.' / E a senhora sorriu./ Nunca me esqueça./ Eu disse 'ai senhora, já abriu o dia' / E ela, 'porquê?'. 'Já vi a senhora sorrir!'. /E estava outra senhora /e disse 'Ai meu Deus, a senhora quando eu sair daqui vai ter de ir à minha casa. /É um dom conversar consigo.' / Não é caso de dizer!...Eu não estou aqui para me gabar,/ mas não é fácil estar num hospital./ Ter de ser operada à coluna aos 29 anos./ Chorei sempre na maca até adormecer./ O médico dizia-me 'vai correr tudo bem',/ mas levava o meu filho no coração. /Será que vou acordar?./ será que vou ficar a andar?/ Claro que me passam estas coisas na cabeças./ Mas depois pensamos que não somos só nós./ (...) Tento dar a volta por cima./Dizer que amanhã é outro dia./

Obrigada pela sua participação.

## Anexo D – Exemplo de entrevista – Entrevista C (Transcrição e Codificação)

9. Tem alguma prática religiosa/espiritual?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C9</b>	Prática Religiosa	“Sim” “Vou á Eucaristia” “Pergrinações”

10. Participa em que atividades ligadas a essas praticas religiosas/ religião? (Se sim:). Quantas horas semanais?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C10</b>	Ativiades Religiosas	“Grupo Coral ” “Já fui catecista”
<b>C10.1</b>	Horas Semanais	“Três, quatro horas”

11. Desde quando participa nessas práticas? O que o/a levou a fazer isso?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C11</b>	Quando começou	“Já canto à muito tempo, mais ou menos 6 anos”
<b>C11.1</b>	O que o levou a começar	“Sempre gostei de cantar, gosto muito da Eucaristia com música”

12. Sente a presença de Deus no seu dia-a-dia? Quando é que isso acontece?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C12</b>	Deus no dia-a-dia	“Sim”
<b>C12.1</b>	Quando acontece	“Em todos os momentos da minha vida” “Acredito e sinto que Deus está comigo”

13. Encontra força e conforto na sua religião? Com que frequência?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C13</b>	Força e Conforto na religião	“Sim”

14. Sente uma profunda paz interior ou harmonia? Com que frequência?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C14</b>	Paz interior ou harmonia	“Sim” “Paz interior”

15. Deseja estar próximo ou em união com Deus? Com que frequência?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C15</b>	Próxima ou em união com Deus	“Sim, mais próxima de Deus”

16. Sente-se realizado/a ao participar nessas práticas? (Se sim/não:). Explique um pouco melhor.

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C16</b>	Realização com as práticas	“Sinto que me faz bem”

17. Acredita (então) num Deus pessoal que cuida de si?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C17</b>	Deus pessoal	“Sim”

18. Sente uma grande responsabilidade no que acontece à sua volta?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C18</b>	Responsabilidade ao redor	“Sim”

19. De que forma poderia ajudar alguém a ultrapassar uma situação difícil?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C19</b>	Situação difícil de outro	“Dizendo que acredite em Deus” “Que não desanime” “... nós acreditarmos em Deus e confiar nele, custa-nos menos os problemas”

20. Por causa das suas crenças espirituais ou religiosas, tem-se perdoado pelas coisas erradas que tem feito? Tem perdoado aqueles que o/a têm ofendido?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C20</b>	As crenças e o perdão	“Eu não digo perdoar” “O que me faz parar e pensar que fiz coisas que afinal não devia ter feito” “Se alguém me diz algo que eu não gosto, ignoro” “Muitas pessoas são frustradas e atingem os outros com o mal”

21. Acredita que Deus o/a perdoa?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C21</b>	Deus e o perdão	“Sim”

22. Já perdeu a fé em Deus? (Se sim/não:). Quando? Pode falar um pouco disso?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C22</b>	Perder a Fé	“Não, nunca”

23. Imagine que não segue qualquer religião. Considera que seria mais ou menos difícil resolver qualquer situação problemática? Explique um pouco melhor?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C23</b>	Resolver problemas sem religião	“Acho que era mais difícil” “Ao acreditar em alguém superior a nós é mais fácil”

24. Diga-me o quanto a sua religião espiritualidade o/a ajuda na compreensão e na forma de resolver as situações difíceis?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C24</b>	Religião, ajuda em situações difíceis	“Completamente”

25. Considera que as suas crenças religiosas estão por trás de toda a sua maneira de viver?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C25</b>	As crenças e a maneira de viver	“Sim”

**Gostaria que me falasse um pouco da sua perceção de (bem-estar no geral):**

26. Com que frequência dedica o seu tempo a atividades de lazer com a sua família, amigos e conhecidos?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C26</b>	Tempo dedicado à família e a terceiros	“Infelizmente não tempo muito tempo”

27. Como encara as críticas e comentários menos agradáveis do seu grupo? Com que frequência o costumam fazer?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C27</b>	Críticas e comentários do grupo	“Só acho crítica de quem é melhor do que eu” “Se acho que não é melhor do que eu, não vejo como crítica”

28. Considera que alguns aspetos da sua vida poderiam ser melhorados? Explique quais e como?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C28</b>	Aspetos de vida a melhorar	“Talvez” “Procuro melhorar”

29. Sente-se bem com as suas escolhas de vida? A sua vida no geral como sente que está comparativamente com a dos outros?

	<b>Código</b>	<b>Transcrição</b>
<b>C29</b>	Escolhas de vida e comparação com outros	“Sim” “Nunca me arrependi” “Não costume comparar”

## Anexo E – Exemplo de Notas de Campo – Codificação Novenas

Data/Horário	20 de dezembro de 2016 / 20h30h – 21h30
Atividade	Observação das novenas na igreja paroquial do conselho de Braga.
Intervenientes	Todos os elementos do grupo coral e filhos.
Contexto	As novenas realizam-se todos os anos, na igreja paroquial, antes do Natal com rituais muitos específicos da época natalícia.
Objetivo	Dinamizar durante nove dias antes do Natal a missa. Estas dinâmicas são rituais tradicionais e característicos desta época natalícia. Nesta paróquia em especial isto é vivido e representado todos os anos com canções alusivas ao nascimento do menino Jesus e engloba a participação de crianças vestidas de pastores que cantam quadras a anunciar o nascimento do messias salvador (Jesus). Na altura do ofertório percorrem a igreja com cestas para recolher géneros que no dia de Natal são oferecidos aos mais necessitados.
	A dinamização deste evento religioso realiza-se a pedido do Pároco desta freguesia do conselho de Braga ao grupo coral que eu acompanho como observadora. Concordaram que eu podia assistir no coro, sendo este um local específico da igreja que é destinado para o grupo coral estar por causa da acústica...
	Pelas 19h45 já estavam presentes quase todos os elementos do grupo coral. Pela ordem de chegada cada elemento servia-se de chá (quente) que se encontrava num jarro trazido por um dos elementos do grupo. Começaram a rever a ordem das canções, a fazer alguns ajustes para o caso de algum elemento não estar presente e ter que ser substituído (percebi que era complicado para alguns elementos estarem sempre presentes por se realizarem diariamente ao no mesmo horário).

**Comentado [A1]:** NCH 12.8 Motivos do Ensalo - Embelezar e dinamizar a missa

**Comentado [A2]:** NCH 20.7 Religião e as suas Práticas: Grupo Coral na Tradição Religiosa – Importância do grupo na dinamização de atividades tradicionais religiosas

**Comentado [A3]:** NCH 17.2 Descrição do local religioso: Local do grupo na igreja e especialização acústica

**Comentado [A4]:** NCH 2.6 Processo de Boas vidas: Recepção na igreja com chá quente trazido por um elemento do grupo

Observação	<p>As crianças chegaram acompanhadas pelos pais. Começaram a vestir-se com as roupas de pastor, algumas crianças foram ajudadas pelos pais ou outro adulto. Algumas roupas eram ajustadas à medida da criança, considerando que estas crianças pertenciam a faixas etárias diferentes e as roupas eram tamanho único.</p> <p>Começa a missa com os seus rituais característicos e outros específicos das novenas. Quando chegou a parte em que as crianças cantavam, estas aproximavam-se por ordem do microfone e algumas tinham que se colocadas em cima de um banco.</p> <p>Os adultos orientavam-nas e no final elogiavam-nas. Quando chegou ao ofertório as crianças pegaram nas cestas e desceram para a parte para recolherem as ofertas das pessoas e no fim eram deixadas junto ao altar para serem recolhidas mais tarde para o Cabaz de Natal.</p> <p>De volta ao coro, comentavam quem tinha recolhido mais géneros e algum outro acontecimento que acharam engraçado.</p> <p>No final da missa alguns ficaram mais um pouco para conversarem sobre algum assunto. Por vezes eram interrompidos pela passagem de algum elemento do grupo com uma piada e logo levava a resposta a condizer.</p>
Reflexão	<p>Durante todo o tempo de duração do ritual religioso, as dinâmicas do grupo coral eram no sentido de interagida e a forma como elogiaram as crianças transmitiam-lhe segurança e conforto. Eu pessoalmente senti que existia a preocupação com o outro, com os outros que estavam presentes naquela igreja ao proporcionar uma experiência de viver rituais de outras épocas e que foram transmitidos de geração em geração. Eles próprios elementos do grupo coral, estavam a dar continuidade a uma tradição secular, ao incentivarem os seus filhos a participarem e ao transmitirem valores e momentos prazerosos de partilha em família.</p>

**Comentado [A5]:** NCH 20.8 Religião e as suas práticas: Rituais das novenas

**Comentado [A6]:** NCH 21.13 Potencialidades do grupo: Reforço crítico construtivo dos adultos para as crianças

**Comentado [A7]:** NCH 4.1.10 Inclusão – Inclusão das crianças – recolha do ofertório para cabaz de natal

**Comentado [A8]:** NCH 19.6 Vínculo entre crianças: Partilha sobre as suas experiências no ofertório

**Comentado [A9]:** NCH 6.13 Convívio Grupal – Prolonga-se sempre o convívio entre a disponibilidade de borbórios dos elementos

**Comentado [A10]:** NCG 6.14 Convívio Grupal – Respostas humoradas

## Anexo F Análise dos dados através da tabela de categorias, codificações e unidades ilustrativas

Categorias		Resposta Religiosa/Espiritual do Grupo	Unidades de Registro	Nº de Registos	Codificações Ilustrativas
<b>2ª Ordem</b>	1ª Ordem				
	Entrevistados (Total=20)	A categoria demonstra as pessoas que têm práticas religiosas e horas semanais. Adiciona-se o propósito das atividades religiosas.	A9/B9/C9/F9/H9 A10/A10.1/B10/C10.1/F10/F10.1/H10/H10.1-Atividades Religiosas A11/B11/C11/F11/H11-Quando começou A11.1/B11.1/C11.1/F11.1/H11.1- O que levou a começar	10  5  5	“Vou à missa” “Vou à Eucaristia” “Peregrinações” “Grupo coral e já fui escudeira” “Participo em dois grupos corais” “Meia hora para cada lado” “Grupo Coral” “Comissão de festas do Senhor da Paciência” “Já canto há muito tempo, mais ou menos 6 anos” “Paz”
<b>Pessoas, coro e as suas Práticas Religiosas</b>					
	Notas de campo		NCB 20.1 – Possibilidade dos sujeitos se deslocarem ao santuário para orar  NCC 20.2 / NCE 20.9 /NCI 20.10/ NCJ 20.11 – Organização através do Calendário litúrgico estabelece letra, salmo e versículo da Aleluia	1  4	“Calendário litúrgico, o salmo e o versículo da Aleluia são por este definidos” “Dia da mãe que no calendário litúrgico corresponde ao dia 8 de dezembro”
		A categoria demonstra as pessoas que têm	NCF 20.3/ NCG 20.6 – Necessidade de preservar e celebrar património imaterial de Braga	2	“Estas cerimónias de Natal fazem parte de um património imaterial das paróquias de

<p>práticas religiosas e horas semanais.</p> <p>Adiciona-se o propósito das atividades religiosas</p> <p>Notas de campo (Total=10) (continuação)</p>	<p>NCF 20.4/ NCH 20.7 - Grupo Coral na Tradição Religiosa – Importância do grupo na dinamização de atividades tradicionais religiosas</p> <p>NCG 20.5 -Ritual do nascimento de Jesus</p> <p>NCH 20.8 - Rituais das novenas</p>	<p>Braga, no entanto só em algumas paróquias a tradição se mantém. Fazem parte os rituais religiosos negligenciados por longos períodos de tempo e que agora estão a renascer, com o apoio de pessoas de boa vontade.”</p>
<p><b>Pessoas, coro e as suas Práticas Religiosas (continuação)</b></p>	<p>1</p> <p>1</p>	<p>2</p>
<p><b>Deus no dia-a-dia</b></p>	<p>A categoria demonstra as pessoas que têm a presença de Deus no seu dia-a-dia</p> <p>Entrevistados (Total 12)</p>	<p>6</p> <p>6</p> <p>“Quando olho para os meus filhos” “Sim” “Eu de manhã peço sempre que Deus esteja comigo” “Sinto-me bem” “Acredito e sinto que Deus está comigo”</p>
<p><b>Paz, conforto, harmonia e união com Deus</b></p>	<p>A categoria demonstra as pessoas que têm alguma ligação importante com Deus</p> <p>Entrevistados (Total 18)</p>	<p>6</p> <p>6</p> <p>“Paz interior” “Sim” “Mais quando estou na igreja, quando não está muita gente e está tudo em silêncio” “A quando estou em baixo, mais triste” “Faz-me falta” “Acostumei-me” “Horas de aflição, doença ou confusão espiritual”</p>
<p>A13/B13/C13/F13/H13/D13/- Força e Conforto na religião</p> <p>A15/B15/C15/F13/H15/D15- Próxima ou em união com Deus</p> <p>A14/B14/C14/F14/H14/D14-Paz interior ou harmonia</p>	<p>6</p> <p>6</p> <p>6</p>	<p>6</p>



A24/B24/C24/F24/H24- Religião, ajuda em situações difíceis	
Notas de Campo (Total= 2)	<p>NCB 21.2/ NCB 21.5</p> <p>O grupo como vinculativo e regulador dos seus elementos</p> <p>2</p> <p>“o elemento sente a falta do grupo”</p> <p>“faz-me tão bem, estar aqui com eles, até me esqueço que estou doente”.</p>
	<p>NCA 28.1 – Tentativa de suicídio do marido</p> <p>1</p>
	<p>NCB 28.2 - Problemas de saúde relacionados com doenças oncológicas</p> <p>1</p>
	<p>NCJ 28.5/NCF 28.3/ NCG 28.4 – Criança, da qual a organista cuida, tem leucemia</p> <p>3</p> <p>“Ultimamente tem estado afastado de grupo por causa de um cancro que lhe apareceu e esteve internada”</p>
<b>Problemas individuais</b>	<p>A categoria demonstra problemas pessoais que as pessoas enfrentam no quotidiano.</p> <p>Notas de campo (Total= 10)</p> <p>NCJ 28.6 /NCJ 28.7/ NCJ 28.8 – Preocupação e descrição da organista sobre o comportamento geral e alimentar da criança que cuida</p> <p>3</p> <p>NCJ 28.9 - Contacto da organista para perceber qual é a situação da criança da qual cuida</p> <p>1</p> <p>NCJ 28.10 - Tentativa de compreender razão do acontecimento</p> <p>1</p>

<b>Deus e o perdão</b>	Entrevistados (Total 15)	A categoria demonstra como as pessoas com religião observam Deus e o perdão	A20/B20/C20/F20/H20- As crenças e o perdão	5	“Eu não me perdoou tanto” “Sei que Deus perdoa” “Sim” “Não”
			A21/B21/C21/F21/H21- Deus e o perdão	5	
			A22/B22/C22/F22/H22- Perder a Fé	5	
<b>Atividades com terceiros</b>	Entrevistados (Total 5)	A categoria demonstra se as pessoas realizam atividades com terceiros	A26/B26/C26/F26/H26- Tempo dedicado à família e a terceiros	5	“Pouco” “A maior parte do tempo é para atividades da igreja” “Sempre que posso”
<b>Críticas de outros</b>	Entrevistados (Total 5)	A categoria demonstra como as pessoas aceitam ou não as críticas de outras pessoas	A27/B27/C27/F27/H27- Críticas e comentários do grupo	5	“Não gosto muito” “Escuto, reflito” “Acho que as pessoas devem dizer o que pensam, mas existem pessoas que só sabem dizer mal”
<b>Bem-estar pessoal</b>	Entrevistados (Total 10)	A categoria demonstra como as pessoas se sentem com elas próprias e com terceiros.	A28/B28/C28/F28/H28- Aspectos de vida a melhorar A29/B29/C29/F29/H29- Escolhas de vida e comparação com outros	5	“Não costumo comparar” “Estou bem assim” “Não quero ser ingrata perante aquilo que Deus me deu” “Bem” “Comparativamente com os outros talvez não, não estou mal” “Tenho uma vida estável”

		<p>“ Um grande espaço com mesas e bancos”</p> <p>“ A habitação onde se realiza os ensaios semanais tem um grande espaço com mesas e bancos, é uma cozinha enorme com espaço suficiente para acolher todos os elementos do grupo para o ensaio.”</p>											
<b>Descrição do Espaço de Ensaio</b>	Notas de campo (Total 8)	<p>A categoria demonstra a constelação do espaço em que ensaiam.</p>	<p>NCA 1.1/ NCC 1.2/NCD 1.3/NCE 1.4 /NCF 1.5/ NCG 1.6 /NCC 1.7/NCJ 1.8 - Descrição do espaço caseiro, que pertence a elementos do grupo</p>	8									
<b>Processo de Boas Vindas</b>	Notas de campo (Total 9)	<p>A categoria demonstra como decorre a primeira interação entre as pessoas no início dos ensaios.</p>	<p>NCA 2.1/NCC 2.2/NCD 2.2/ NCE 2.3/NCF 2.4 / NCG 2.5/NCI 2.7/NCJ 2.8 – Receção pelo casal anfitrião e espera pelos restantes elementos</p> <p>NCH 2.6 - Receção na igreja com chá quente que foi trazido</p>	8			1						
<b>Organização dos ensaios</b>	Notas de campo	<p>A categoria demonstra como é organizado o momento do ensaio e tudo o que é necessário para tal.</p>	<p>NCA 3.1 / NCD 3.12/ NCE 3.13/ NCG 3.15/ NCF 3.14 -Distribuição das melodias relativo à temática diária</p> <p>NCA 3.2 – Organização do conteúdo das temáticas</p>	5									4

<p>NCA 3.3/NCC 3.6/NCI 3.16/NCI 13.11 - Distribuição do solo pelas pessoas presente</p>	<p>3</p>	<p>da Aleluia são por este também definidos”</p>
<p>NCC 3.7/ NCC 3.10 / NCI 13.10 – O grupo move-se, organiza-se e gere-se em unidade</p>	<p>1</p>	
<p>NCC 3.8 - Distribuição dos tons e elementos vocais</p>	<p>2</p>	
<p>NCC 3.9/ NCI 13.8 - A organista como o elemento versátil e organizador.</p>	<p>1</p>	
<p>NCF 3.13 – horários – ensaio suplementar para tal.</p>	<p>1</p>	
<p>NCI 13.7- Ausência de um elemento chave do grupo coral, leva a transposição do papel para outro</p>	<p>1</p>	
<p>NCI 13.9 - Início de ensaio, após distribuição das letras</p>	<p>1</p>	

Notas de campo  
(Total 19)  
(continuação)

**Organização dos ensaios (continuação)**

A categoria demonstra como é organizado o momento do ensaio e tudo o que é necessário para tal.



	NCA 4.2.1/ NCC 4.2.3/NCE 4.2.4 /NCF 4.2.5	4	
	Inclusão de sujeitos exteriores ao coro – familiares e comunidade		" Inclui a família e as pessoas à sua volta."
	NCB 4.2.2 Investigadora inclui-se no grupo devido a familiar	1	
	NCA5.1/ NCB 5.2 -A comida e bebida como objeto de comunhão grupal	2	
	NCB 5.3 - Início de preparação do almoço tradicional – Pica no chão		
	NCB 5.4 – a comida e a festa de anos como simbolização de festejo e reunião.	1	“ Comida e bebidas para o dia”
	NCC 5.6 /NCD 5.8/NCF 5.9- Lanche para convívio	1	
	NCC 5.7/NCD 5.8 - Os aniversários são sempre simbolicamente celebrados através de festejos e comida	3	
<b>Santa Ceia</b>	Notas de campo (Total 9)		
	A categoria demonstra a centralidade da comida como elemento de comunhão		



	NCF 6.9- Conversas sobre as roupas para a atuação das crianças	1	
	NCG 6.10 – Conversas sobre temáticas dos exercícios	2	
	NCG 6.11/NCG 6.14 – Humor nas conversas	1	
	NCJ 6.18 - Conversas em torno da menina conhecida da organista		
<b>Adultos como modelos de referência religiosa para as crianças</b>	Notas de campo (Total=13)		
	A categoria demonstra como as crianças vêm os adultos como modelos.	1	“Filha mais nova gostava de cantar como o pai. Sentia-se orgulhosa por participar juntamente com o pai” “A organista começou o ensaio com um exemplo cantado para que a criança repetisse e assim, continuou com as restantes crianças”
	NCA 7.1 - Os filhos gostam de seguir as suas principais referências (pais) nos atos. NCA 7.2 - filha sente-se orgulhosa de acompanhar o pai. NCF 7.3-As crianças praticam o ajuste do tom ao seguir os adultos a cantar	1	
<b>Conversão</b>	Notas de campo (Total=1)	1	“Estes momentos no grupo coral são muito importantes, ele diz que se sente bem, que gosta de participar, gosta do

			convívio, de estarem todos juntos...sinto que hoje ele está bem, é um homem feliz e realizado”
		NCA11.17/NCD 11.7 – O grupo evolui em unidade nos ensaios	2 “Grupo é muito unido em que todos os elementos colaboram em interagida não só entre eles, mas também incluem a família e as pessoas à sua volta.”
		NCB11.2 - Contribuição monetária de todos para atividade do piquenique	1 “Todos colaboraram em dinheiro”
		NCB11.3 - partem em bloco para o local	6 “Estavam todos deu-se a partida e dirigimo-nos para o local previamente agendado”
		NCA 11.1/NCB 11.4/NCB 11.4/NCE 11.8/ NCF 11.9/ NCI 11.12 - Sentido de ajuda - Proposição de ajuda por parte de alguns elementos	1 “Deslocado especificamente nesse dia para estar em convívio”
		NCB 11.5 - Sentido de partilha, vários elementos levaram comida	1 “ Este ensaio realizou-se na sexta-feira por causa da indisponibilidade de alguns elementos que tinham agendado uma festa de família no sábado (dia do ensaio).”
		NCB11.17 – Necessidade de se socorrer no convívio	
		NCI 11.10 - Dependência mútua dos elementos para orientarem-se.	
<b>União do grupo</b>	Notas de campo	A categoria demonstra a interdependência e a união entre os sujeitos do grupo coral.	

<b>União do grupo (continuação)</b>	Notas de campo (Total 17) (continuação)	NCI 11.11 - Apoio mútuo em conseguir afinar e atingir a voz pretendida	1	
		NCJ 11.13/NCJ 11.14 /NCJ 11.16 - Preocupação do grupo com outros	3	
<b>Motivos dos Ensaios</b>	Notas de campo (Total=8)	NCA 12.1/NCH 12.8 – Embelezar e dinamizar a missa	2	
		NCA 12.2 – Convívio	1	
		NCA 12.3 - Partilha de experiências	1	“Ajudar para que a missa seja mais bonita” “dar e receber em comunidade o que mais lhes interessa.”
		NCA 12.4 -Dom débito comunitário/relação comunitária	1	“ Sente-se muito cansada e não consegue ir aos ensaios o que o põe triste porque gostava muito”
		NCB 12.5 - Tristeza por não poder frequentar os ensaios porque gosta muito	1	
		NCD 12.6- Participação em festividades e Eucaristia	1	
		NCF 12.7 -Preparação para as novenas e missa	1	

<b>Atividade grupal extra-coro</b>	Notas de campo	A categoria demonstra as pessoas na realização de atividades extra-coro	NCB 14.1 – organização do evento “piquenique”	1	“Música de rádio trazida por algum dos elementos do grupo”
			NCB 14.2 - Jogos durante o convívio	1	“ Da parte da tarde houve o churrasco e jogos tradicionais com conversa e piadas à mistura”
			NCB 14.3 – Conversações e relações para além do intuito religioso	1	“ Alguns elementos do grupo, vestidos a rigor representaram uma minipeça de teatro escrita por eles”
			NCB 14.4 - Uso da música através da radiofonia	1	“ Organização do piquenique”
			NCB 14.5 - Convívio matinal com piadas, conversas e comida	1	“ Alguns elementos começaram a descarregar os materiais”
			NCB 14.6 – Atuação de alguns elementos do coro	1	“ Grupo dividiu o espaço”
<b>Atividade grupal extra-coro (continuação)</b>	Notas de campo (Total=14) (continuação)	A categoria demonstra as pessoas na realização de atividades extra-coro	NCB 15.1 - Organização do grupo	1	“ Para o prato principal e lanche ficou responsável um elemento que iria fornecer os frangos caseiros e as carnes para o churrasco”
			NCB 15.2 – descarregar os materiais	1	frangos caseiros e as carnes para o churrasco”
			NCB 15.3 - Distribuição de género nas tarefas	1	“Alguns elementos começaram a descarregar os materiais”
			NCB 15.4/NCB 15.7- Distribuição de tarefas	2	começaram a descarregar os materiais”

	2	<p>NCB 15.6/ NCB 15.6 - Responsabilidades de tarefas atribuídas aos elementos</p> <p>NCB 15.8 - Organização do grupo na criação da surpresa para um elemento doente</p>	<p>“ As pessoas dividiam-se em tarefas e em diversão”</p> <p>“ Nesse dia, começaram a chegar pessoas com coisas e pediram-lhe uma toalha e começaram a colocar na mesa”</p>
<p><b>Aproximação do Local religioso comum</b></p>	<p>Notas de campo (Total=1)</p>	<p>A categoria demonstra que o local religioso é ponto de encontro para o grupo.</p>	<p>“Encontro foi ainda na paróquia onde este grupo participa nos rituais religiosos”</p>
<p><b>Descrição do Local Religioso</b></p>	<p>Notas de campo (Total=2)</p>	<p>A categoria demonstra as a descrição do local religioso</p>	<p>NCB 17.1- descrição geográfica</p> <p>“ Santuário no cimo de um monte”</p> <p>NCB 17.2 - Local do grupo na igreja e especialização acústica</p> <p>“ Coro, sendo este um local específico da igreja que é destinado para o grupo coral estar por causa da acústica</p>
<p><b>Definição simbólica do grupo</b></p>	<p>Notas de campo (Total=3)</p>	<p>A categoria demonstra os símbolos usados pelo grupo para demonstrar a pertença.</p>	<p>NCB 18.1 - Marcação exclusiva de lugar/espaco para o grupo</p> <p>“ Colocaram toalhas todas iguais nas mesas de pedra”</p> <p>NCB 18.2- Marcação de lugar com padrão igual, permite definir espaco do grupo</p> <p>“ Alguns elementos já enchem os balões e começaram a colocar o cartaz alusivo ao grupo juntamente com os balões cheios e</p> <p>NCB18.3 – Métodos de Exposição de cartaz em árvores e Disposição do espaco</p>



### **Potencialidades do grupo**

Notas de campo	A categoria demonstra as potencialidades que estes ensaios e o grupo em si revelam a no dia-a-dia dos sujeitos	NCB 21.4 – Importância do Ritual e da comunhão grupal	1	desejassem podiam acompanhar o grupo coral nos cânticos” “ Ficou responsável um elemento do grupo, por ir a uma loja conhecida de aluguer de trajes característicos dos pastores.”
		NCB 21.6 - As apresentações são chamativas a elementos alheios		
		NCC 21.7 - entreadua e colaboração	1	
		NCD 21.8 -Voto e decisões democráticas sobre as adversidades.	1	
		NCE 21.9-Dom débito comunitário	1	

### **Potencialidades do grupo (continuação)**

		NCF 21.11 - Flexibilidade e contorno nos obstáculos de performance musical	1	
Notas de campo (continuação)		NCF 21.12 - Responsabilização e confiança de um elemento	1	
	A categoria demonstra as potencialidades que	NCH 21.13/ NCF 21.10-Reforço crítico construtivo dos adultos para as crianças	1	

estes ensaios podem revelar no dia-a-dia dos sujeitos	1	
	1	“ A minha participação neste evento deveu-se ao fato de um familiar fazer parte deste grupo”
	1	NCB 13.1 – Apresentação como familiar e investigadora ao grupo
	1	NCB 13.2 – Participação como investigadora: propósito do grupo
	1	NCB 22.1 - Sensações do ambiente para a investigadora
A categoria demonstra como a investigadora abordou os sujeitos e como interpreta pessoalmente as suas percepções.	1	NCB 22.2 - Percepção de inclusão da investigadora no grupo
Notas de campo	2	NCC 22.3 – NCC 22.7 – Percepção sobre a união de grupo
	2	NCB 22.5 NCB 22.6 – Apreciação subjetiva estética do local
	1	NCJ 22.4 - Interpretação do vivido por parte da Investigadora
	1	“ Fim da tarde e depois de observar um por do sol lindíssimo lá no alto do monte recolhemos tudo e voltamos para casa”

	NCC 23.2/ NCD 23.3/ NCF 23.5/ NFG 23.6/	5			
	NCI 23.9 - A organista atenta nos elementos solistas (importância dos solistas)				“ Os vários elementos organizam-se inicialmente em separado para ensaiar a 1ª voz, seguindo-se os que cantam em 2ª voz e por último os homens que cantam em 3ª voz”
<b>Hierarquia do ensaio</b>	Notas de campo		A categoria demonstra a hierarquização dos sujeitos nos ensaios.	1	
			NCE 23.4 -As crianças que cantam melhor ficam com os solos e as restantes no refrão		
			NCI 23.7- Distribuição da letra segundo a hierarquia vocal pré estabelecida	1	“ Depois da organista dar especial atenção aos elementos que vão cantar a solo”
			NCI 23.8/ NCC 23.1 - Hierarquização permite definir a ordem de ensaio das vozes	2	
<b>Organização dos Ensaio - Dificuldades relacionadas com Ensaio</b>	Notas de campo		A categoria demonstra às dificuldades encontradas por parte dos elementos do grupo coral em relação aos ensaios.	1	“Os ensaios realizam-se semanalmente ao sábado e de acordo com a disponibilidade dos vários elementos do grupo. Assim, devido ao horário pouco comum e na dificuldade de nesse horário ter a sala da igreja a disposição.”
			NCD 24.1 - Dificuldades na harmonização de horários	1	
			NCD 24.2 -O propósito dos ensaios serem em residência é por a igreja estar fechada na disponibilidade dos elementos.	1	“ Este ensaio realizou-se na sexta-feira por causa da indisponibilidade de alguns elementos”
			NCD 24.3 - Dificuldades relacionadas com Ensaio	1	
			NCD 24.4 – Impedimentos relativamente à atuação com canto em latim	1	

	<p>NCC 25.2/ NCE 25.6/ NCF 25.8/ NCI 25.9 - Esclarecimento de dúvidas sobre a performance/tom de voz</p>	4	<p>“ Repetem todas as melodias para a eucaristia dominical e se estiver bem termina o ensaio.”</p>
<p><b>Profissionalismo coral</b></p> <p>Notas de campo</p>	<p>A categoria representa como os elementos do grupo levam a sua organização religiosa e performance individual a sério</p> <p>NCC 25.1/NCD 25.3/ NCD 25.4 - Perfeccionismo nos ensaios até afinar - Profissionalismo Coral</p> <p>NCE 25.5-As crianças capricham na sua performance</p> <p>NCF 25.7 – só terminam o ensaio quando a melodia estiver harmonizada</p>	3	<p>“ No final do ensaio alguns tiravam algumas dúvidas sobre o tom da voz”</p> <p>“ No ensaio das crianças uma ou outra tirou dúvidas e repetiu o tom, mas terminou rapidamente e bem”</p>
<p><b>Centralidade da organista</b></p> <p>Notas de campo</p>	<p>NCD 26.1/ NCE 26.3/ NCF 26.6/ NCG 26.7/</p> <p>NCI 26.8 - distribuição das músicas efetuada pela organista</p> <p>NCD 26.2 - A organista avisa e organiza a agenda</p> <p>NCE 26.4 – Decisão sobre o envolvimento das crianças no dia da mãe</p> <p>NCE 26.5 – Proíbe os pais de interferirem no ensaio dos filhos</p>	5	<p>“ A organista, começou a distribuir os papéis com as letras”</p> <p>“Elemento que conduz os restantes elementos no cântico, não estava presente, a organista delegou essa hierarquia a outro elemento”</p> <p>“. Nesse tempo os pais observavam com satisfação e</p>
<p><b>Centralidade da organista (continuação)</b></p> <p>Notas de campo</p> <p><b>(continuação)</b></p>		1	

	NCI 26.9 - Organista delega papéis aos coristas, caso haja ausências	2	sem interferirem. Estavam proibidos pela organista” “ A organista avalia o todo e faz alguns ajustes caso algum não consiga o tom esperado”
	NCI 26.10/NCI 26.11 - Organista recapitula, apoia e reage perante necessidades de apoios a nível vocal		
	NCB 30.1 – Homens suportam os pesados		“Os homens começaram a descarregar as panelas, a churrasqueira, as geladeiras”
	NCD 30.2 -Distribuição de Género de assuntos	1	“ Os homens concordaram em arranjar uma estrela iluminada, e um esquema de deslocamento do coro em direção ao altar enquanto o anjo cantava”
	NFG 30.3 – Os Homens discutem e organizam-se dentro do seu género	1	
	NCB 15.3 - Distribuição de género nas tarefas	1	
<b>Diferenças de género</b>	Notas de campo		
	A categoria demonstra como os géneros divergem no seu trabalho dentro do grupo coral		

